

TRAVESSIA PELA SERRA DO MAR

Livro de Raul Ervino Weiser

Em 13 de Julho de 1941

Travessia da Serra do Mar, pelos Castelhanos à Guaratuba

Reinaldo Melzer

Otilo Schult

Raul Ervino Weiser

Já há tempos nós três havíamos combinado em fazer uma excursão ao Rio Arraial. Resolvemos depois atravessar a Serra de lado a lado. Para isso fomos nos preparando durante vários dias. Arranjei ainda um pequeno mapa da região costeira do Paraná. Queríamos completar nosso equipamento em Campo Largo da Roseira, pois seria inútil comprar tudo em Curitiba.

Compramos bonés, calças, sapatos, broas de forma, queijo e o que mais fosse necessário. Achei que um culote com perneiras seria o ideal, mas como haveria de me arrepender!

Nosso armamento consistiu em uma espingarda calibre 32 de dois canos; um revólver H0 calibre 32 com quatro balas; três facões e duas facas de mato. Assim, a cada um de nós coube um facão e uma faca, o Reinaldo levava também o revolver, e eu ficava de levar minha espingarda.

Dias antes, preparei uma pasta para impermeabilizar os calçados e os sacos de oleado. Esta pasta aprovou muito. Reinaldo engenhou umas capas de oleado, juntamente de capus, para no caso de chuva ficarmos abrigados. Principalmente as mochilas, à noite, nos isolava da umidade do chão. Essas mochilas foram forradas internamente com os sacos de oleado, sendo primeiramente tratadas com a dita pasta. Também meu aparelho fotográfico recebeu uma capa protetora de oleado.

Levamos uma barraca para três pessoas, uma bússola, uma bateia de folha, uma frigideira, três latas de azeite vazias, duas marmitas e os demais utensílios, como colheres e canecos, afinal, a 12 de julho de 1941, em uma tarde de sábado, partimos.

Despedimo-nos dos parentes e amigos, partindo o ônibus da Praça Tiradentes às 4 horas da tarde rumo a São José dos Pinhais. Lá houve uma baldeação; esse outro ônibus parecia possuir a idade de Matuzalém. Dirigimo-nos então a Campo Largo da Roseira, onde residem os pais de Reinaldo e

região na qual encontrei um antigo colega de serviço, chauffeur do Estado, que iria a uma caçada em Tijucas.

Chegamos pouco antes do escurecer. A casa fica perto do cemitério. Ao souberem que iríamos furar a Serra até Guaratuba, os pais de Reinaldo ficaram muito alegres. Assim tratamos logo de fazer as necessárias compras de mantimentos, pois pretendíamos romper no dia seguinte, à madrugada.

Compramos fubá, açúcar, sal, azeite, salame, queijo, arroz, broas, chumbo para caça, cachaça, cigarros, fósforos e outras miudezas. Voltando para casa, o jantar nos esperava. Em seguida começamos a dividir a carga, para que todos tivessem o mesmo peso a transportar. A mim coube 2 Kg de fubá, 1 Kg de arroz, 1 Kg de açúcar, 6 broas grandes, 1 queijo, 2 Kg de chumbo, uma garrafa de cachaça, minha máquina fotográfica, cartucheira com munição e mais miudezas que cada qual achava conveniente levar consigo, como medicamentos e cigarros.

A cachaça foi misturada com mel. Na preparação da mesma íamos experimentando, de pouco em pouco, até sentir um peso na cabeça (de grão em grão a galinha enche o papo). Resolvemos então dormir. Otilo e eu dormimos juntos em uma cama de casal e Reinaldo foi em outro quarto. Pelas 2 horas da madrugada, acordei. Eu estava todo molhado de suor, um calor quase que insuportável. Efeito da cachaça.

Às 5 horas de domingo, Reinaldo nos acordou. Fez fogo para o café para comemos bem logo e marchamos pela estrada, ainda com o céu estrelado. Caminhamos uns 15 minutos para seguir a estrada da esquerda, à Usina de Castelhanos. Esta estava em péssimo estado de conservação, com todo o macadame solto. Sempre escolhíamos os trechos de barro como caminho, e o primeiro povoado que passamos foi Contenda. Todos estavam dormindo. Um automóvel aí nos alcançou, pegando logo uma outra estrada. Sentíamos o peso da mochila cada vez mais, pois 30 Kg nas costas não é brincadeira. Além disso, eu ainda carregava um bernal, que pendia para um lado.

Nos primeiros quilômetros, caminhávamos mais ou menos 6 Km em uma hora. Passávamos por terrenos alagadiços, formando um tanque em certos lugares. Havia serração sobre um destes tanques, e como o Reinaldo conhecia bem a estrada, logo nos levou a um atalho, cortando uma grande volta que se fazia ao redor de um morro.

Quando amanhecia, já nos encontrávamos na casa do cunhado de Reinaldo. O Otilo começou a berrar bem alto, coisa que fazia em quase todas as casas onde passávamos. A cachorrada naturalmente latia, o que aumentava ainda mais o barulho. Senhor Raulino (cunhado de Reinaldo), também acordou com os berros. Como ele depois nos contou, pensou que fosse algum bêbado que voltava do baile. Reinaldo pediu um pedaço de fumo, pois seu cunhado é fabricante deste produto. Uma breve palestra e logo estávamos a caminho.

Podíamos avistar a Serra a pouca distância de nós. Passamos agora por Córrego Fundo. O sol surgia radiante, por isso não sentíamos frio. As paisagens aqui são muito bonitas. Vê-se a serra com suas montanhas de todos os tipos e tamanhos. Uma delas com um cume bem redondo, daí do seu nome ser Morro Redondo.

Passamos por uma estação telefônica, propriedade da Cia. Força e Luz do Paraná. Fica justamente no pé da Serra. Também ali todos dormiam, seriam 8 horas mais ou menos.

As subidas da Serra são bem fortes, pioradas pela estrada. A vegetação é rica e abundante, pode-se dizer que um mato cresce sobre o outro. Já em certos trechos, o mato é substituído por rochas de arenito em decomposição.

O sol nos castigava duramente, fazendo o suor gotejar pelo rosto, sobretudo nas sobrancelhas e nariz. Descobrimos um pequeno olho d'água ao lado da estrada, onde já havia uma bica formada por um canudo de taquara. Paramos, afim de saciar a sede e a fome. Comemos alguns sanduíches com ovos, os quais minha tia havia preparado. Eram 9 horas da manhã. Enchemos os cantis com água, esprememos nós mesmos alguns limões, e continuamos a jornada. Meu culóte era grosso, e eu suava mais ainda.

O caminho agora descia. Otilo e Reinaldo atiravam com suas setas (estilingues), onde continham pardais e sanhaços. Nisso logo ouvimos um ruído a nossa frente. Eram duas moças, caboclas bonitinhas, que vinham a sós naquela estrada. O Otilo teve que fazer algumas brincadeiras, porém logo cessou com isso, pois notamos um caboclo vindo da mesma direção. Talvez fosse o irmão.

A descida tornava-se mais forte; logo passamos uma pequena ponte sob o Rio Capivarí. Em pouca distância havia outra ponte de tamanho menor, a qual ficava sob um afluente deste rio. Já eram 10 horas. Resolvemos almoçar. Fizemos fogo com pedaços de taquara, os quais ali havia em abundância. Rebentavam com grande estalo. Fui buscar água no rio, para fazer o café. Comemos broa com lingüiça assada e tomamos café bem forte, pois fome é o que mais tínhamos.

Eu sentia que se formavam umas pequenas bolhas de água, na sola dos pés, mas não disse nada. Ficamos descansando até o meio dia. Tínhamos feito uns 20 Km e daí seguimos a estrada, que ora subia ou descia, ora cortava ou desviava morros. Chegamos numa grande baixada, cortada por um bonito rio. Denominava-se este lugar Sodânta. Havia lá duas casinhas, já plantação, não se via.

Descansamos um pouco, mudamos a água dos cantis e bebemos um gole de pinga, para animar. O sol ardia intensamente e pelas 3 horas alcançamos um enorme banhado, conhecido por Banhado do Colchão. Uma vasta extensão de

terra, toda queimada ou sapecada pela geada. A cor amarela dessa região causava um certo desânimo e tristeza.

Fazíamos sempre mais paradas, afim de descansar. Sentia sempre mais a assadura na sola dos meus pés. À tardezinha, encontrávamos um cargueiro, composto por três burros e conduzidos por dois caboclos. Mais adiante veio um caçador, indagamos se ainda era longe o Rio Cunhaí, pois queríamos pernoitar por lá. “Faltam uns 3 Km”; disse o caboclo. Descíamos lentamente pela estrada e numa curva fizemos mais um descanso; tinha-se na frente uma linda paisagem da Serra com suas matas. Eu estava já bem cansado, malmente podia caminhar, pois principalmente eram os pés. Estava eu sem meias, pois julguei que não fossem tão necessárias. Quando me sentava, sentia verdadeiro prazer; tanto pior era o levantar. “Isto é no primeiro dia”, pensava, “Como será nos outros!”

Afinal, pelas cinco e meia, alcançamos o Rio Cunhaí. Este rio não é grande, mas bonito. Corre e desliza entre pedras, maiores e menores. Paramos na margem esquerda, perto da ponte. Reinaldo e Otilo arranjaram uns paus para fazer fogo. Jantamos broa de centeio, linguiça frita, queijo e café. De onde estávamos, vimos um grupo de casas que pareciam abandonadas. Otilo foi então ver se de fato não havia moradores, pois podíamos posar em uma delas. Voltando, disse-nos que achara uma delas sem dono. Fomos até lá e notamos que já não havia mais telhado, mas pelo menos assoalho. Daí foi resolvido, dormirmos debaixo da casa, onde havia espaço suficiente pelo fato do assoalho ter sido construído sob pilares.

Já escurecia. Acendemos um foguinho, com ajuda de um tição e brasas que trouxemos juntos. Tivemos que limpar o terreno das pedras e paus para poder distender a capa do oleado. Enquanto eu dava um jeito nisso, Reinaldo e Otilo procuravam lenha para a noite. Esquentei uma latinha de água e fiz uma salmoura bem forte. Com isso lavei os pés; mas como ardiam!

Antes de deitar, fizemos uma boa massagem nas costas e ombros, um no outro, com a salmoura. Estava tudo esfolado e doído, motivado pelo peso que tínhamos nas mochilas. Amarrei a mochila com a espingarda na minha cinta, para o caso de alguém querer roubar, forçosamente teria que me acordar. A faca de mato coloquei perto da cabeça.

Estávamos bem acomodados, protegidos por cima pelo assoalho da casa e o fogo aos nossos pés nos aquecia.

Percorremos nesse dia quase 45 Km. O tempo estava bom, mas o calor, excessivo.

Durante a noite ventou bastante, fazendo frio. Como foi bom termos um foguinho à noite! No mais, dormi bem.

Na outra manhã, Otilo foi buscar água e fizemos outro fogo, pois o mesmo apagou de noite. Quando começou a clarear, estávamos tomando o nosso café. Eu sentia-me tão mal, que nem andar podia. Era como se tivesse reumatismo. As pernas pesavam-me como chumbo. O pé esquerdo era o pior. Amarrei-o com um pedaço de pano bem firme.

A primeira refeição foi broa com queijo e lingüiça.

De frente a nossa casa, havia mais uma. Lá moravam algumas pessoas, o que nos dizia a chaminé e as galinhas no terreiro. Mas não se via ninguém. Talvez pensassem que fôssemos três bandoleiros. Olhavam pelas frestas da janela, não de vidro, mas de madeira. Só depois que Reinaldo e Otilo foram para o mato, ficando eu só, é que saiu um menino com um saco nas costas, andando pela estrada em passos acelerados.

Arrumei as coisas na mochila e, logo mais, partimos. Pegamos logo um atalho atrás da casa, cortando assim uma grande volta. Andamos uns 15 minutos, quando passamos ao lado de uma porteira, onde há anos residiam os pais de Reinaldo. Este nos mostrou uns pinheiros por ele plantados e a casa que não existe mais.

Enfim alcançamos o marco do Km 0. Daqui mais 9 Km está localizada a Usina de Castelhanos, a qual fornece luz à Curitiba.

Deste marco parte outra estrada, à esquerda. Não de macadame, só barro. Carroça só pode transitar até certo ponto, e isso com tempo bom. O meio de condução só consiste em tropas de cargueiros. Enfim, é ainda um picadão.

Passamos por um pequeno córrego, no qual bebemos água. O lugar é conhecido por Escritório. Antigamente ali existia uma casa da Companhia que era utilizada como escritório; daí o nome. O verdadeiro nome, porém, é Santos Andrade. Hoje um lugar abandonado, vê-se somente uma casa velha e caída, num banhado.

O caminho passa perto dessa casa: aqui tem uma bifurcação. À direita vai-se a Castelhanos e à esquerda ao Rio Arraial.

Tomamos o da esquerda. Quanto mais avançávamos, mais animados ficávamos, apesar do péssimo caminho. Eram os matos, as grandes árvores, as montanhas, o verde sempre mais puro e limpo, o que nos engrandecia a alma. A estrada, por sua vez, se apresentava cada momento em piores condições: barro e mais barro. Começa a ficar acidentado. Do alto de um pequeno morro avistamos uma casa de material, pequena. Toda pintada de branco. Estava numa encosta, ladeada de campo bem verde. Um palmeiras muito lindas, bem como cedros, aumentavam ainda mais a impressão causada até então. Uma calma, um silêncio que reinava nesse verdadeiro paraíso! Algumas vacas

pastavam a certa distância, em campo verde. Parece que Deus deu a benção a esse canto esquecido.

O caminho para adiante foi bem pior, sendo todo pisado por gado. Mede este trecho mais ou menos 2 Km; caminho curto mas penoso para aquele que transporta 30 Kg nas costas. Às margens da picada erguia-se a mata, bonita e alta; árvores de todas as espécies e formatos, trepadeiras e tantas outras maravilhas.

Quase uma hora depois, alcançamos um rio. É a cabeceira do Rio Castelhanos, aqui ainda pequeno. Atravessamo-lo num lugar tão fundo e naturalmente nos molhamos até a cintura.

O tempo ameaçava chuva. Espessas nuvens escuras e pesadas corriam ou voavam pelo espaço, acossadas pelo vento.

Eu sentia-me bastante cansado, com um pouco de febre. Tudo motivado pelo mau estado dos pés, que necessitavam descanso. Reinaldo, conhecedor dessa região, disse que mais adiante alcançaríamos novamente o rio, e lá daria para descansar.

Esta zona atravessada parecia ser muito fértil. Além disso, bem bonita. É um vale, cortado pelo rio em zig-zag, e ladeado por pequenas montanhas, todas cobertas por densas matarias. O rio possui uma água cristalina, forma em certos locais pequenas corredeiras e cachoeiras. Ora atravessa campo, ora passa sob gigantescas árvores, estas cobertas com a conhecida barba de velho. Nas margens cresce agrião em abundância.

Encontramos uma velha tapera (antigo rancho); havia muitas árvores frutíferas, como limoeiros, ameixeiras, gaviroveiras, alguns pés de bananeiras e mais uma infinidade de outras espécies. Para chegar até lá, era necessário atravessar o rio. Otilo e Reinaldo foram colher limas e limões. Bebemos água com suco de limão ao momento em que comíamos limas e ameixas. Também experimentamos o agrião: Era excelente!

Íamos acompanhando o rio, até alcançar uma porteira. Esta consistia em pedaços de paus, encostados uns aos outros. Passamos e subimos uma encosta, dentro do mato. Logo mais encontramos um mundéu, desarmado (para pegar caça), ao lado do caminho. Mais adiante passamos por ameixeiras, laranjeiras, cidreiras e outras árvores frutíferas. Enfim chegamos a uma casinha. Reinaldo disse ser de dois polacos chamados Grocha. Não havia ninguém. Do lado de fora via-se dois couros de tateto, para secar ao sol. Ao redor da casa, tudo plantado com árvores.

Continuamos a subir o morro, sempre dentro de mato. Deixamos mais uma porteira, do lado direito da picada. No mesmo lado havia mais árvores

frutíferas. Até aí o caminho estava bom; agora fechava sempre, à medida que avançávamos, um indício que aqui pouco se andava.

Podia ser meio-dia. A fome fazia-se sentir. Resolvemos passar no primeiro riozinho que encontrássemos.

Passado o cume do morro, a picada dividiu-se em duas. Reinaldo seguiu em uma e Otilo tomou a outra. Eu fiquei a esperar os dois. Otilo bradou para que chegássemos, pois achou a direção certa. Chamei o Reinaldo, e junto, tomamos a esquerda. Tivemos uma surpresa: do outro lado do morro não havia árvores. Podia-se ver uma grande parte da Serra; só agora notamos que estávamos bem altos. Aos nossos pés, lá em baixo, passava um rio. No horizonte notamos uma pequena faixa prateada, que devia ser o mar. Essa vista nos animou muito, apesar de sabermos quanto chão ainda nos separava de Guaratuba. Resolvi tirar uma fotografia, a primeira. Rocemos um pouco de mato e a capoeira que nos atrapalhava a visão, improvisamos um tripé de forquilhas, e assim foi tirada a fotografia.

Em seguida descemos o morro; tinha só capim. Chegamos em baixo, encontramos novamente frutíferas: limas de casca fina, ameixeiras, umas mimosas. Pouco depois avistamos um rancho, coberto com folhas de guaricana (espécie de palmeira). Estava abandonado, mesmo nas vésperas de cair. Onde há um rancho deve também haver água.

Nos livramos da carga, e cada qual foi fazer um serviço. Juntei lenha, para fazermos café. Reinaldo trouxe água e Otilo colheu frutas, limas, ameixas e as últimas mimosas.

O almoço consistiu em café, broa e lingüiça assada.

A quantidade de pássaros, seus chios e cantos, me divertiam bastante; era por causa deles que não se achava laranjas nem mimosas.

Depois de um curto descanso, rompemos afim de alcançar no mesmo dia o Rio Arraial. Atravessamos o riacho, e com o facão na mão, começamos a abrir uma picada. Reinaldo ia na frente; seguia o Otilo e, por fim, eu. Meu serviço era apenas carregar a espingarda. O pior foi a dor nos meus pés: parece que uma bolha de água já arrebertara, estando em carne viva. Nada adiantava reclamar.

Para melhor orientação, fizemos uso da bússola: seguíamos para o norte. Reinaldo dizia que havia uma picada, a qual deveríamos achar. Uma hora passou, sempre subindo o morro, por entre o mato. Cipó e trepadeiras não faltavam. “Está aqui a picada”, dizia Reinaldo. De fato, não era uma picada, mas sim uma trilha bem visível. Agora foi mais fácil. Não precisávamos fazer picada. Volta e meia marcava-se um tronco de árvore, afim de não haver dúvida quanto ao caminho, caso tivéssemos que voltar.

O mato tornava-se sempre mais limpo, e a subida sempre mais íngreme. Em dado momento, Otilo começou a discutir e a teimar com Reinaldo, dizendo que estávamos voltando, em vez de seguir na direção norte. Tive que tirar isso da sua cabeça, mostrando a bússola. Enfim compreendeu que havia se desorientado. É sempre bom levar consigo uma bússola para evitar enganos, os quais às vezes podem ser fatais.

Rodeávamos o morro, como vimos pela bússola. Já tínhamos caminhado duas horas e meia, quando paramos para escutar. Reinaldo disse que devíamos ouvir a queda d'água do Rio Arraial, julgava que não podíamos estar mais muito longe do mesmo. Fazíamos diversas paradas, mas sempre em vão. Otilo pediu-me um pouco de água, só agora vi também que não tinha. Por sorte passamos logo por um olho d'água, numa barróca. Reinaldo desceu e encheu nossos cantis.

Podiam ser 4 horas. Sempre andando e parando para escutar, nada ouvíamos. Densa serração começou a envolver a Serra. Com isso escurecia cada vez mais. Não seguíamos mais nem uma trilha, pois esta terminara. A serração aos poucos se transformou em garoa fina. Apuramos os passos, e sempre com o mesmo resultado. Agora anoitecia. Reinaldo achou que nos perderíamos neste sertão. O que nos restara era posar aí mesmo, para ver se no dia seguinte pudéssemos sair pelo mesmo caminho. Estávamos todos um pouco ansiosos, ainda mais por não saber aonde estávamos.

Também não garoava mais, já chovia fracamente. Começamos a armar nossa barraca perto de um toco de árvore, para aí fazer o fogo. Assim a chuva não apagaría tão facilmente o mesmo. Trabalhamos depressa, para logo estarmos abrigados. Reinaldo e Otilo fizeram uma cobertura de folhas de guaricana sobre o fogo. Eu fui providenciar água. Tirei a mesma de um banhado. Era bem turva e tinha cheiro mofado. Não havia outro recurso.

Quando voltei o telhado estava quase pronto. Ajudei a fazer a amarração, sendo muito interessante esta amarração. Um telhado bem feito de folhas de guaricana pode durar de 10 a 15 anos.

Otilo começou a fazer o fogo. Vimos que o tronco estava oco e seco; estava tudo arranjado. Reinaldo foi cortar um pé de palmito, o qual cozinhamos na marmita com arroz.

Era noite. Recolhemos as mochilas e cobertas; nos sentamos na barraca, bem abrigados da chuva e do frio. O braseiro tornou-se bem agradável. Tínhamos recolhido lenha para a noite toda. O telhado sob o fogo foi uma ótima idéia do Reinaldo.

A janta consistiu em um pouco de arroz com palmito com broa. O resto do palmito guardamos para o dia seguinte.

Esqueci de falar numa jararaca que Otilo matou. Foi a única que vimos em toda viagem.

De noite fizemos uma escala de ronda: cada qual ficava 3 horas acordado, cuidando do fogo e dos companheiros. Meu terço de tempo foi o segundo, da meia noite às 3 horas da madrugada. A espingarda e o revólver estavam de prontidão. De resto dormi bem, apesar da chuva.

Acordei pelas 6 horas. Continuava a chover, fracamente. Resolvemos voltar, para evitar de perdermos mais tempo. Eu sempre estava em dúvida se acharíamos a mesma direção por onde viemos. Meus companheiros, porém, não duvidaram. “Pois é você quem vai na frente, para procurar a saída”, gracejou Reinaldo.

Aceitei a prova. Antes de partir, derrubamos o toco de árvore, pois o mesmo estava ameaçando cair sobre a barraca. Como soube do Otilo, pelas 4 horas da madrugada pegou fogo o telhado da guaricana, e quase nossa barraca vai para o inferno. Eu devia ter dormido bem, pois nada ouvira, Até riram de mim.

Comemos um pouco de broa com queijo; café não fizemos por causa da água ruim.

Arrumamo-nos para a retirada; tivemos a oportunidade de experimentar as capas de oleado contra a chuva. As mochilas ficaram totalmente cobertas, bem assim como nós também. O interessante foi que, tendo ocupado a capa à noite para nos deitar sobre o chão, ela ficou toda coberta de folhas, verdes e secas. Dava impressão de um arbusto ambulante. Foi um gozo para nós. Um ria do outro. Uma ótima camuflagem!

A dor nos pés aumentava; nada podia mais se fazer do que agüentar firme.

Eu agora estava na frente: observava bem as marcas deixadas nas árvores, pois o chão não indicava mais nada. Felizmente correu tudo bem. Quando chegamos perto do rancho, desviamos para a esquerda, onde corria o riacho. O mato nos molhou muito, com exceção das mochilas. A chuva cessara, mas o sol continuava escondido.

Bebemos água à vontade. Chegamos pelas onze horas no rancho. Havia muitos periquitos, sanhaços e alguns sabiás. Resolvemos caçar alguns. Dei dois tiros, sem resultado. O mesmo aconteceu com o Reinaldo; Otilo trouxe um sabiá do brejo.

Fizemos fogo; cozinhamos arroz e palmito, fritamos lingüiça, e misturamos tudo. Que almoço! Melhor não podia ser. Comi bastante e com vontade.

Depois de todos satisfeitos, rompemos. Subimos o mesmo morro; no lado esquerdo estava aquele pé com as boas limas. Enchemos os bolsos. Otilo já seguia na frente.

Descendo no outro lado do morro, passamos pela casa dos polacos; estes não haviam chegado ainda. Tiramos algumas ameixas e não nos demoramos. Chegamos logo no Rio Castelhanos, acompanhando-o um pedaço. Tínhamos que atravessá-lo; e por azar achamos uma pinguela. Esta estava um tanto podre e lisa. O primeiro que passou foi o Otilo. Chegou na metade da pinguela, começou a equilibrar-se um pouco, mas passou sem novidade. “Isso qualquer um faz”, pensei comigo. Era minha vez de passar. Fui até a metade e quando pisei na parte meio podre, esta cedeu mais cedo do que eu esperava. Plums, lá estava eu dentro d’água. Foi mochila, bernal e tudo quanto tive. Por sorte não era fundo. Assim mesmo molhei-me até o peito. Sei que saí como um gato, examinei se entrara água na mochila: tudo seco. Naturalmente foi um gozo para meus dois companheiros. Reinaldo passou a pinguela sem alteração.

Por cúmulo do peso, tudo pesava o dobro: culóte, camisa, sapatos, tudo ensoado. Passamos ainda por duas vezes o mesmo rio, porém em partes mais rasas.

Otilo pegou a espingarda, queria caçar umas pombas e sabiás. Nós dois seguimos na frente. Logo ouvimos um tiro. Esperamos ... Como estávamos num campo, vimos de longe o Otilo com qualquer coisa na mão. Aproximando-se notamos ser um tatu. “E tatu de rabo mole, jogue fora esta porcaria”, observou Reinaldo. Otilo não conhecia esses tatus, eu também não sabia disso. Foi tiro perdido.

Tínhamos diante de nós um péssimo trecho de caminho, estando agora pior, pois a chuva amolecera o barro. Caminhamos devagar. Mais adiante encontramos uma porção de vacas e algum boi, pertencentes àquela casa de material, com os cedros e palmeiras em sua frente.

Lindo lugar este, isolado do resto do mundo. Mais uma vez admirei a paisagem. Não vimos ninguém, como da primeira vez.

O caminho tornou-se pouco melhor nos morros. Pela tardinha chegamos em Santos Andrade. Fomos até aquela casinha no meio do banhado. Estava abandonada.

Ventava fortemente e fazia frio.

A casa ainda tinha telhado, com poucas falhas. Janelas e portas não havia. Também o assoalho mostrava enormes buracos. Nos arrumamos da melhor maneira possível no local. Até uma mesa meio podre com umas tábuas jaziam num canto.

Fizemos um fogo num buraco do assoalho. Lenha estava escassa. Reinaldo e Otilo foram até o mato buscar para a noite. Trouxeram umas varas de taquara, afim de fazer um suporte para secar nossas roupas. Boa idéia! As taquaras mais secas serviram para fazer tochas, caso precisássemos de luz à noite. Eu tirei o culóte e a camisa, ficando só de calção e camisa de esporte. Fui em seguida até um córrego, lavar os sapatos e os pés. A água era bem fria, bem como o vento. Isso foi um verdadeiro alívio para os pés. Aproveitei para lavar as marmitas e a chocolateira, enchendo-as com água e voltando bem depressa.

Ajudei Reinaldo a distender a roupa, mantas e mochilas. O foguinho estava esplêndido. Lá fora assobiava o vento, começando então a escurecer. Reinaldo trouxe mais algumas taquaras meio secas; eram destinadas para fazermos as tochas, por isso as secamos bem sobre o fogo. Eu nunca havia visto as tais tochas de taquara: via que à noite fazem ótimo serviço, dando uma claridade formidável.

A roupa secava ligeira, tanto melhor, pois fora fazia frio. Não saíamos de perto do fogo.

Preparamos um jantarzinho um tanto pobre, mas estava bom. Café, broa e lingüiça.

Era hora de dormir, ajeitamos umas tábuas perto do fogo, enrolamo-nos nas cobertas, e assim dormimos. Verdade é que o colchão foi um pouco duro, mas não era nada. Otilo pegou a sua tábua e acomodou-se num canto; não queria ficar perto do fogo, talvez no receio de rolar para perto do mesmo.

Acordei, e ouvi que estava chovendo. Por sorte não havia goteiras sobre minha "cama". Coloquei uns pedaços de lenha no fogo para não apagar e nos aquecer. Ao todo acordei três vezes. Foi a noite mais fria que tivemos em nossa jornada.

Pelas cinco e meia da manhã ouvi um trovão: logo caiu mais um raio. E continuava a chover. Tudo escuro, apenas um fraco clarão ao redor do fogo. Por instantes, porém, clareava todo interior da casa, uma luz verde pálida; em seguida um rolar que seguia lá longe.

Ficamos deitados até o romper do dia. Não podíamos fazer nada com esta chuva. Começamos a consultar um ao outro: Vamos em diante ou voltamos? Mas de qualquer maneira tínhamos que deixar passar a chuva. Passou o tempo como em conversas e cigarros.

Já eram nove horas, e nada de melhorar. Nos bateu a fome. Para o café faltava água. Resolvi buscar. Cobri-me com a capa de oleado e saí. Molhei-me um pouco, mas o café não demorou-me a aquecer todo corpo.

Depois da refeição, que consistiu em broa com queijo, tratei de costurar meu culôte, rasgado na zona do joelho.

Fiz também uma colher de madeira para poder mexer a polenta. E com isso chegou a hora do almoço. Comecei a fazer uma boa polentada, misturada com lingüiça. Estava bem gostosa, um pouco salgada, mas ninguém reclamou.

A chuva ainda perdurava, já o céu, todavia, começou a clarear. Achamos poder arriscar o prosseguimento da jornada. Reinaldo e Otilo saíram, para verificar o estado do caminho. Dentro de uma hora voltaram com a notícia que podíamos andar e romper logo.

Arrumamos tudo dentro das mochilas, nos protegendo com as capas de oleado, e continuamos a viagem pelas duas e meia da tarde. Houve, portanto, um atraso de três quartos do dia. A chuva continuava, porém, bem esparsa.

No dia anterior passara pela mesma estrada uma tropa de cargueiro do Senhor Antonio Piovisan, um conhecido de Reinaldo. Na passagem bradaram, nos cumprimentando e perguntando quando queríamos partir. Convidaram a acompanhá-los; mas estávamos muito cansados, e assim saímos no dia seguinte.

Uma viagem sob chuva, numa estrada daquelas, não é muito agradável. O caminho no começo era relativamente bom. Mas adiante chegamos a experimentar o que é barro! Que caminho do inferno! Lama e mais lama com 30 à 40 cm de espessura. E como estava liso! É preciso um bom punhado de vontade, para passar num lugar assim.

Encontramos uma porteira, estas são necessárias, para evitar que cavalos ou burros se afastem muito longe, dos pousos forçados de uma tropa de cargueiros.

Andávamos dentro de mato. A chuva cessou pelas quatro horas, permanecendo o céu encoberto. Por onde passávamos no momento, via-se grande trecho da Serra. A certa distância uma casa de madeira quase caída. Em outros tempos, devia ser muito bonita, o que nos mostravam os restos da varanda, afinal todo estilo lembrava o suíço. Fileiras de cedros europeus plantados em frente; ao longe dava um aspecto convidativo. Chegando perto, notamos uma plantação de árvores frutíferas, bem como bananeiras. Tudo, porém, abandonado; já a capoeira tomando conta da casa e plantação. Também a situação desta casa era boa: lugar alto, descendo para os fundos, onde formava um grande vale. Na frente, à direita da estrada, estendia-se a mata sem fim.

O que dava maior encanto a esse panorama todo era a quantidade de andorinhas; grandes e quase pretas. Voavam às centenas sobre o imenso vale, aos nossos pés. Faziam piruletas, desapareciam entre as árvores, quase mergulhavam no solo com uma velocidade espantosa.

Reinaldo deu um tiro numa dessas andorinhas em pleno vôo, mas não acertou; quase não é possível acertar. Interessante foi o eco: parecia ter caçadores pela Serra, atirando um após outro.

Estávamos parados, ouvindo o eco, quando também ouvimos alguém rachar lenha. Fomos atrás da casa, e olhamos morro abaixo. Lá em baixo de fato um homem rachava lenha. Otilo gritou logo, cumprimentando-o. Foi correspondido. Reinaldo perguntou se havia algum rancho adiante, onde pudessemos posar. O homem respondeu que só em Limpo Chato, mas que lá era possível encontrarmos o cargueiro do Sr. Piovisan. Disse ainda que podíamos posar no rancho da mina de mica. Esta ficava adiante de Limpo Chato. Reinaldo perguntou se daria tempo de chegarmos até a Mina; a resposta foi afirmativa. Despedimo-nos agradecendo.

Descemos o morro, sempre no meio do barro. Esse era bem pegajoso, motivo que me cansou bastante.

Atravessamos um riosinho, mitigando a sede também. Ao longe enxergamos uma montanha, chamada Serrinha. O tempo clareava sempre apesar de já ser tarde. O caminho piorava constantemente, de modo que vencíamos muito pouco terreno. Quando por vezes se afastavam as árvores, víamos montanhas e mais montanhas, cobertas de matas. Uma cachoeira apareceu como um risco de prata numa destas montanha. E entre a Serra deslizava vagarosamente uma nuvem branca. Andorinhas voavam incansáveis, fazendo caça aos insetos.

Chegamos no Limpo Chato pelas quatro e meia. O rancho, único ali existente, estava de fato ocupado pelo Senhor Piovisan e seus camaradas.

Reinaldo e Otilo foram até o rancho (este estava quase caindo de tão velho) e eu tomei o caminho da direita, andando devagar. Logo tive de parar, por causa de um burro. Este quando me viu, correu assustado para o mato. Lá chegando, parou, empinou as grandes orelhas, e me observou atentamente. A cada movimento que eu fazia, mais nervoso e inquieto ficava. Agora é que pude compreender o espanto do burro: eu estava coberto com a capa de oleado, com o capus na cabeça e a mochila nas costas, a qual se assemelhava a uma corcunda, tudo isso o animal nunca vira em sua vida. Pensou, talvez, que tivesse diante de si um animal anti-diluviano. Foi um bom divertimento. No fim fingi que corria sobre o burro, e este desapareceu, se escondendo atrás de uma moita. Ria-me a valer.

Enfim, vieram os dois companheiros. Reinaldo disse-me que era preciso apurar o passo, afim de chegar em tempo no Rancho da Mina. Não gostei muito dessa notícia, porquanto eu não estava em condições de andar depressa. A sola do pé parecia uma brasa.

Passamos por mais uma porteira, constituída por galhos trançados e paus seguros entre forquilhas.

Atravessamos um córrego, sempre dentro d'água; isso me aliviava consideravelmente a dor nos pés. Subíamos a célebre serrinha. Foi este o pior trecho de toda a nossa jornada.

Como sempre, o princípio foi bem. Digo bem se comparando com o que veio depois. O picadão era infernal; o mato tão cerrado nos dois lados cobria-nos, dando a idéia de um túnel. Havia chovido todo um dia e o barro amolecera de tal modo, que em parte afundávamos até os joelhos nas poças de lama. Avançamos lentamente.

De nós três, eu estava em piores condições. Primeiramente com os pés machucados; meus sapatos não eram de cordão, e sim, de elásticos nos lados. A cada instante perdia o sapato na lama. Quando o tirava, tinha que despejar o barro de dentro. Com isso ficava um pouco de areia. Calçava novamente e me acontecia a mesma coisa. Tudo isso contribuiu para dar o fim aos meus pés. Estavam já em carne viva.

Quanta coisa passava no meu pensamento! Bateu-me um desânimo incrível. Será muito longe! Isto corria na cabeça sem parar. E foi bom não saber. Quase chorava, mas escondia bem o sofrimento ante os meus companheiros. Volta e meia diziam palavras animadoras, principalmente o Reinaldo; talvez julgassem que eu fosse um fraco.

Começou a escurecer. Ainda não terminara a subida. As pernas tremiam; camisa, culóte e sapatos, tudo molhado. Quantas vezes tirei um ou outro sapato de dentro da lama! “Meu Deus, ajude-me”, pedia. A mochila com o bernal pesavam sempre mais. Parei um instante, pensando não poder mais continuar. Olhei para cima e vi meus companheiros. “Sou mesmo um fraco”, dizia comigo mesmo. “Mas talvez possa ir um trecho”, e assim me lastimando e me maldizendo, eu andava, de trecho para trecho.

“Vamos mais depressa”, ouvi o Otilo dizer. Nem sei o que pensei neste momento: coisa boa não foi. Reinaldo quis, por várias vezes, aliviar-me o peso, oferecendo-se para levar a minha mochila. Eu, porém, não lhes quis mostrar fraqueza, dizendo que ia muito bem.

Já estava mais escuro. O caminho já não subia tanto; o barro aqui era mais fundo. Por infelicidade, a sola do sapato direito havia se despregada toda; este sapato não podia mais calçar. Levei-o na mão. Parei novamente, como

tantas vezes. Então Otilo pegou minha mochila e o Reinaldo meu bernal. Reinaldo mandou-me tirar o outro sapato também, e também as perneiras. “Como ir descalço, com os pés abertos, e neste lamaçal!” Fiz a vontade deles. Pois, foi melhor que andar com sapatos. Naturalmente no começo senti cada pedrinha, cada toco de raiz. Podia andar melhor, pois estava livre da carga.

Passamos por um córrego bem bonito. “Ribeirão da Vaca” chamava-se. “Mais uns 2 Km”, disse Reinaldo. “Mais uma eternidade”, pensei.

Anoiteceu. Otilo, que ia na frente, começou a correr, com toda a carga nas costas. Reinaldo o seguia. Também eu tive que fazer o mesmo, tropeçando, caindo e levantando. À direita estava o mato como um paredão negro. Já à esquerda descia, ouvindo-se o ruído de um pequeno rio, não se enxergando nada. Ai de nós, se um perdesse o equilíbrio e rolasse para o fundo! E no entanto, corríamos como se fugíssemos de alguma fera. Eu estava muitas vezes prestes a desaparecer, mas as forças se duplicavam, nessas ocasiões; agarravam-me em qualquer coisa, e novamente corria adiante.

Ninguém pode imaginar o que é uma corrida através de um mato, um lamaçal, onde existem animais de todas espécies, talvez com exceção da temível onça!

Felizmente a picada melhorou um pouco. Descíamos a serrinha, aos poucos, mas na corrida. Tudo escuro. Eu não via mais Reinaldo, nem tampouco o Otilo. Nas poças de lama, via às vezes o reflexo fraco da lua.

Pela descrição que o Sr. Piovisan dera ao Reinaldo, devíamos sair da picada principal, logo que chegássemos numa plantação de bananas. Tínhamos que dobrar para a direita. Após longo tempo, chegamos ao dito bananal. Este estendia-se à esquerda; do lado direito, um mato fechado. Otilo parou e mostrou uma picada, que entrava no mato. Reinaldo disse-lhe que deveríamos subir por um leito seco de um córrego. Foi ele mesmo na frente procurar o leito, enquanto Otilo e eu esperávamos. Tremia em todo corpo. Pedi ao Otilo que me desse a mochila, e ele me deu.

Aqui estava um pouco mais claro, por causa do bananal; este descia à nossa esquerda morro abaixo.

Esperamos uns quinze minutos, quando Reinaldo bradou para que chegássemos. Tinha achado o tal leito; corria todavia um pouco d'água. Reinaldo seguia na frente. Seguimos uns 80 metros, sobre pedras. Paramos novamente; Reinaldo desapareceu à esquerda, continuando a procurar. “Hei, viva!”, ouvimos o Reinaldo. “Graças a Deus!”, pensei. Seguimos os gritos de Reinaldo. Trepamos por uma grande árvore, caída sobre as pedras. Dobramos a esquerda e notamos que lá adiante era um pouco mais claro.

Reconheci um rancho, coberto com guaricana. A metade da frente não tinha parede; esta, nos fundos, também, constituída por guaricana, porém bem defeituosa. Vento e chuva iam destruindo-o aos poucos. No lado esquerdo, dentro, havia uma tarimba (cama feita e taquara e paus flexíveis); sobre a mesma havia capim seco, e folhas de guaricana. No outro canto havia uma rede, trançada de cipó. Bem em cima, descobrimos uma prateleira, tudo rudimentar. Lá pusemos as mochilas e o que mais carregávamos.

Reinaldo foi buscar uns paus para fazer fogo. Otilo sentou-se logo na rede. Eu também sentei numa pedra. Uma grossa lágrima de alegria apareceu nos olhos, escorrendo pelas nossas faces.

Feito o fogo, sentei-me perto do mesmo. Que frio! Tremia o corpo todo, não sabia eu o motivo. Reinaldo olhou para Otilo, com um olhar cheio de apreensão. Perguntou-me: “Você não foi mordido por uma mosca ou mosquito?” “Não”, disse eu. “Lembre-se bem! Não que eu saiba”, repeti.

Mandou-me tirar o culóte, que enxuguei sobre o fogo. Estava todo rasgado. O frio não passou com isso. Reinaldo fez um café bem forte. Tomei-o quente, comi um pedaço de broa com queijo, mas nada de melhorar. “Isso é febre, por causa do pé”, disse eu. “Então vá se deitar”, mandou-me Reinaldo; ajudando-me a arrumar a tarimba. Eu quis passar a mão no capim seco, quando Reinaldo puxou-me de volta, dizendo-me: “Assim não, que tal se tiver uma cobra no meio do capim!” Ele tinha razão e com um fecho de taquara examinamos todo o capim e arredores cuidadosamente. No canto notei alguma coisa cintilar: chegamos ao fogo mais perto e vi que eram pedaços de malacacheta ou mica. A mina deveria ficar por perto.

Colocamos as folhas sobre a tarimba; vesti o culóte, que estava quase enxuto, lavei os pés com uma salmoura bem quente e trepei na tarimba. Esta estava uns 80 cm do chão. A salmoura ardeu bastante, mas fez bem.

Cobri-me com as mantas e o frio não passava. Reinaldo foi colocando todas as mantas que tínhamos sobre mim. Ficaram sem manta alguma. Protestei, mas nada adiantou.

Olhei um pouco para o lado e vi o céu estrelado. Um palmeiras de palmito que dançavam ao sopro do vento mostravam que os ares estavam bem fortes.

Adormeci logo, sob o calor e o peso das mantas. Devo isso a bondade dos dois companheiros, principalmente o Reinaldo. Acordei umas duas vezes; não senti mais frio. Reinaldo parece que não dormiu. Sentado sobre o toco, as mãos apoiando a cabeça, olhava para o fogo. Otilo, sentado na rede, cochilava.

Enfim amanheceu. Quando acordei era claro. O vento cessara e Reinaldo fazia o café.

Sentia uma dor bem forte na sola dos pés. Examinei mais de perto a sola e verifiquei que a bolha d'água estava aberta, já tendo se alastrado desde o calcanhar até o começo dos dedos. Assim, a metade da sola estava preta. E isso ainda nos dois pés. Entre a carne e a pele, havia se alojado tanta areia, que pareciam saquinhos de areia. Mostrei aos camaradas: Reinaldo achou que assim não poderíamos caminhar para frente. Otilo queria fazer uma operação: Aceitei!

Após o café e a refeição, me deitei sobre a tarimba, de barriga para baixo. Pedi uns cigarros, fumando três em seguida. Isso deixou-me meio tonto. Disse ao Otilo que podia começar. Começou a cortar toda a pele fora. Tirou a areia grudada na carne e lavou com água fria; já tinha formação de pus. “Dói”, perguntou. “Não”, respondi. Mas assim não era. Passou iodo e arnica, logo depois amarrando com um pano. Eu mal podia sustentar o peso do corpo sobre os pés. “E agora, como vou em diante”, pensava comigo. Sapato inutilizado e não havia jeito para concertá-lo.

Reinaldo, que vinha voltando com um punhado de lenha, disse que era melhor fazer dois sapatos de lona de barraca.

“Mas de onde tirar a lona”, perguntei.

“Cortamos da porta da nossa barraca”, foi a resposta. E assim fizemos. Otilo cortou um pedaço, o suficiente para dois calçados. Na sola colocamos um pedaço de veludo, que achamos na prateleira de um rancho. Costurou a lona sobre o pé, de modo que não podia mais tirar: Era um calçado de último modelo e tipo!

Ficou resolvido de ficarmos este dia no rancho, afim de que eu repousasse.

O sol aparecera. Estendemos as mantas e a roupa, mochilas e sapatos sobre estacas, para secarem.

A manhã passou bem depressa. Pelas dez horas e quinze, ouvimos latidos de cachorro e vozes de homens. Eram dois homens pertencentes a tropa cargueira do Sr. Piovisan, que passavam neste momento na picada principal.

Cada qual trazia um cachorro de caça, presos por uma corda; a espingarda a tiracolo. Cumprimentaram-nos. Um deles me perguntou se eu machucara os pés e contei o que havia. Indaguei se não sabia quem concertasse o sapato. Ele riu-se a valer dizendo: “Aqui estamos no sertão; aqui não há nada. O senhor precisa andar descalço mesmo”. Para mim, nada pior.

Contaram que nesse rancho, antigamente, o dono deixara louça, talheres, panelas, enfim, as coisas mais necessárias na prateleira; tudo isso foi roubado por caboclos que conheciam o esconderijo.

Os homens olharam na plantação de banana, para levar algum cacho maduro.

Reinaldo descobrira um grande buraco, perto do rancho, e perguntou agora a um deles, qual a serventia do mesmo.

“Isso é para esconder os cachos de bananas maduras”, foi a resposta. Explicou que naquela zona era uso, que cada viajante, passando por um bananal, recolhe os cachos “gordos”, como chama, mas não maduros, justamente em tais buracos, cobrindo-os com galhos e folhas. Manda em seguida avisar o dono da plantação. Este vem, então, com uma tropa de cargueiros, para buscar a colheita.

Pelas onze horas os dois saíram, ao encalço da tropa. Pela uma hora começamos a preparar o fogo para o almoço. Reinaldo cortou mais uns paus, deixando-os perto do rancho. Mais tarde recolhi tudo no rancho; o fogo era dentro do mesmo. O Otilo foi buscar um palmito. Em breve ouvimos as pancadas secas, que ele deferia na palmeira. Logo ouvimos a queda. O palmito era enorme, sendo logo beneficiado para nossa refeição. Ao lado do rancho tinha um velho tronco caído, onde crescia chuchu. Colhemos alguns e cortamos dentro da marmitta, juntamente com o palmito. Na outra marmitta fervemos raízes de taiá e batata doce. Tudo isso crescia perto do nosso rancho!

Enquanto fervia o nosso almoço, Reinaldo e Otilo foram dar uma voltinha pelos arredores: queriam procurar a Mina de Mica. Eu, por minha vez, tive tempo de examinar a plantações nas redondezas do rancho. Esta estava naturalmente abandonada. Todavia ainda crescia cana de acúcar, ananás, chuchu, taiá, batata doce, um cafeeiro, mimoseira, bananeira, e mais outras ervas. Tudo isso dentro do mato, para assim dizer; num raio de cem metros começava o mato.

Pela três e meia, vieram os dois, trazendo um cacho de banana. Algumas começavam a amarelar; essas foram logo consumidas por mim.

Sentia muito apetite. O palmito com chuchu, bem como o taiá com batata doce, eram moles. Reinaldo pegou a frigideira, jogou um pouco de azeite e fritou as bananas, as quais eu descascava. Ah! Que cheiro agradável! Isso era uma festa. Fritamos ainda um pouco de lingüiça. Do palmito com chuchu fizemos uma salada, cortando tudo em pedaços, temperados com sal, limão e azeite.

Comi tanto que quase não pude me levantar. O sol ia se escondendo aos poucos, entre os ramos e folhagens de árvores.

Recolhemos as mantas, mochilas e tudo mais, começando então a preparar um leito para a noite. Forramos o chão com folhas secas de guaricana e capim, estendendo então as capas de oleado por cima. Mudamos o fogo para mais perto do leito, para aquecer os pés.

Como ainda era dia, Reinaldo e eu subimos o morro atrás do rancho, por uma picada. Encontramos muitos pés de palmito. Daqui se enxergava o rancho e parte da Serra, à nossa direita.

Otilo nos chamou “para ver uma coisa”. Descemos e encontramos ele com a espingarda na mão, pronto para atirar em qualquer bicho, que se movia entre a capoeira. Reinaldo pegou a espingarda, entrou no ananás, e olhou de mais perto o dito monstro. “É um passarinho vermelho” disse. Com isso o dito pássaro, assustando-se, voou sobre um galho. “Atire”, dissemos. Atirou mas não foi feliz.

Resolvi tirar uma fotografia desse rancho. A ocasião era boa. Reinaldo e Otilo apareceram comendo um ananás.

Depois os dois deram uma caçada aos sanhaços. Com as setas trouxeram dois. Também matei o pássaro vermelho, do qual Reinaldo havia errado com a espingarda.

Antes de escurecer, os dois foram buscar água, para um café à noite. Cozinhamos uma polenta para o dia seguinte.

O dia estava bom: comemos à vontade, sempre sol, pouco vento; um descanso bem merecido, depois de um dia tão infernal.

À noite levantou um ventinho frio, mas desta vez estávamos preparados. Lenha foi colocada perto do fogo, o suficiente para o resto da noite. Chupamos um pouco de cana de açúcar antes de deitarmos.

Esta noite não era necessário rondarmos: aquele que acordasse, arrumava e nutria o fogo. Acordei várias vezes com o céu sempre estrelado. A lua apareceu somente durante a madrugada.

Às seis horas levantamos. Fizemos café e comemos polenta frita. Assei os pássaros do dia anterior e os comi. A polenta que sobrou guardamos para a viagem.

A manhã estava bem fresca. O sol logo surgiu, derramando seus raios benéficos sobre a Serra.

Arrumamos tudo o que pertencia ao rancho, varremos o chão, que era de terra socada, e apagamos o fogo. Pelas oito horas da manhã partimos. A

princípio tinha eu que andar bem devagar; cuidava em não pisar em tocos ou pedras. Sapatos e perneiras, as levava nas costas. Esta viagem para mim seria bem mais interessante, se os pés estivessem em boas condições. Assim eu olhava mais para o chão que para a natureza bela aqui nas montanhas.

O caminho estava um pouco melhor, apesar de ainda estar péssimo com buracos cheios de lama e água. Quando um de nós por infelicidade escorregava dentro dessas poças, sujávamos até os joelhos.

Passamos uma plantação de bananas. Descíamos o morro, chegando a uma picada que nos conduzia para a esquerda. “Deve ser a picada que conduz à mina”, observou Reinaldo. Andamos um pouco por ela; vimos logo no começo uma porção de fragmentos de mica. Chegamos num lugar onde a terra estava toda escavada. Alguém tinha aqui trabalhado, porém, sem resultado aproveitável. Esta mica é muito suja e impura, não se encontra pedaços grandes.

Procurei os melhores pedaços, levando-os comigo. Voltamos até a picada grande, e por ela seguimos. Lembrei-me de bater um instantâneo desta picada. O Otilo achou que devia ter tirado uma dessas lá na serrinha, mas lá nem lembrei-me disto. Achamos um lugar adiante, onde a picada estava em miserável estado. Cortamos uns paus, servindo como tripé. Reinaldo e eu fomos andando, enquanto Otilo bateu a chapa.

O mato ficava sempre mais bonito e fechado. Nos lugares mais baixos crescia muita bananeira do mato; esta é assim chamada pela semelhança com a bananeira verdadeira, não dando, porém, frutas.

A picada tornou-se sensivelmente melhor. Não tinha tanta lama, cobria-se mais com folhas secas, sendo também mais enxuta. De quando em vez, mudava (outra vez) de aspecto.

Pelas onze horas chegamos em Castelhanos. Perto de um riosinho, a picada se bifurcou. Seguimos aquele da esquerda.

“Aqui é os Castelhanos”, explicou Reinaldo. “Só conhecemos o caminho até aqui. Vamos ver se achamos algumas mimosas”. Não acreditei que acharíamos mimosas. Encontramos mais um outro entroncamento. Aqui deixamos nossas mochilas, Reinaldo tomou o caminho da esquerda e Otilo o da direita. Eu sentei e fiquei a espera dos dois.

Não demorou muito, Otilo chamou, dizendo ter encontrado uma mimoseira. Ah! Isso era comigo. Fui logo em direção de onde vinha esta notícia. E, de fato, lá estava o Otilo, trepado numa mimoseira. Quantas mimosas, algumas maduras outras verdes. Colhi algumas que estavam pelo chão, e as provei. Ótimas! Quase estourei de tanto comer.

Dentro de pouco tempo ouvi Reinaldo chamar. Esperei pelo outro chamado, afim de certificar-me da direção, e fui ao seu encontro. Cheguei numa pequena baixada, cortada por um arroio. Do outro lado deste não havia mato, mas umas oito laranjeiras. Reinaldo estava junto a elas, tirando as laranjas com uma vara de taquara. Tirou somente seis. Os sanhaços já tinham limpado as laranjeiras. Em compensação notei, mais à esquerda, umas mimosas. Mais ainda à esquerda uma plantação de bananeiras. “Que paraíso”, pensei. Pulei o arroio e sacrifiquei umas mimosas.

Coisa que me admirei, foi com a quantidade de pássaros, tendo demais sanhaços e sabiás do campo. Um bando de Sangue de Boi voaram sobre nossas cabeças para bem longe. Os sanhaços eram bem sem vergonhas. As vezes batíamos com a vara de taquara em alguma mimosa, onde saiu um de dentro e não voou, apenas sentou-se no galho vizinho, olhando como que indignado pelo nosso atrevimento. Foi um bom divertimento para mim e Reinaldo.

Este atirou a seta, começando a fazer caça aos mais atrevidos. Errou quase todos os pelotaços. Outras vezes o pelotaço atingia uma mimosa, onde o sanhaço estava metido com a cabeça dentro: a fruta vai para longe, e o sanhaço chiava, ainda sobre o galho. Intacto, como a reclamar da nossa ousadia de tirar-lhe a comida. Estas pequenas coisas me causaram imensa alegria e satisfação. Observando-se essa vida tão simples, tão inocente, nas florestas, sente-se cada vez mais o provérbio: “Observar a Natureza, é ler em Deus”.

“Aqui é o Castelhanos”, explicava-me Reinaldo, “muitos confundem esse lugar com a usina. Antigamente foi um lugar habitado por algumas famílias, o que ainda provam as plantações, aqui e mais adiante. Agora, tudo abandonado!”

Em verdade, que solo fértil! Aqui é como nosso caboclo diz: “É, o chão é bom; prantando dá”.

Demos uma volta pelo bananal, a procura de um cacho maduro. Só encontramos verdes. Perto do rio encontramos muito inhame, e mais adiante, belo taiá ... em seguida passamos por um milharal. Este, já seco, esperava pela colheita.

Afinal chegamos novamente na margem do Rio Castelhanos. Já bem mais largo que em Santos Andrade, deslizava sobre inúmeras pedras. Sua água de cristal dava um reflexo mais vivo e mais empolgante. Lindo aspecto!

Na outra margem estendia-se aquela floresta bela.

Em dado momento, apareceu um lindo pássaro, de cauda larga e longa, amarela com pontinhos pretos. Toda a plumagem era diferente, mais aveludada. Suas cores vivas se destacavam das folhas verdes do mato. Esta ave sentou-se num galho sobre o rio. Empunhei a espingarda e quis atirá-lo. Vi que caíra na

água, sendo levado pela correnteza. Não atirei. Reinaldo também concordou comigo, ficando a olhar, até desaparecer na outra margem.

“Vou ver se tem ouro no rio”, disse Reinaldo. Tirou os sapatos e entrou na água. Este trecho não era fundo, porém, depois de examinar a areia ligeiramente, não agüentou por mais tempo. “A água está gelada”, e saiu, calçando os sapatos.

Meus “calçados” foram muito bem, até aí não tive queixas.

Resolvemos voltar para junto das nossas mochilas e procurar o Otilo.

“Vamos ficar aqui, Raul?”; perguntou-me Reinaldo. Eu não sabia se concordava ou não. Enquanto isso alcançamos a mimoseira, encontrando o Otilo sentado ao pé da mesma, com os bolsos entupidos de frutas. Otilo soube do plano de Reinaldo e logo concordou. “É sim, vamos descansar até amanhã”, assim dizia. “Aqui há mimosas à vontade, quem sabe encontramos algumas bananas. No mato tem palmito, você vai caçar, se quiser”.

Entramos num acordo: ficamos.

Reinaldo nos conduziu pelo caminho da esquerda, até chegarmos numa casinha, coberta com folhas de zinco. Estava bem conservada, comparando com as outras que tínhamos visto. A porta estava fechada, trancada com corrente e cadeado.

“Isso é peso”, lastimou Otilo; “mas vamos tirar umas folhas de zinco”, e entramos pelo telhado. Reinaldo também concordou. Pensei um pouco e disse-lhes, que se abrissem a casa dessa maneira, eu dormiria fora. Discutimos bastante, mas eu não cedi. Resolvi dar uma volta com a espingarda; não queria me meter nisso.

Fui para o lado das mimoseiras. Ouvi o canto de pombas do mato e rolas. Nada consegui atirar, também vi periquitos e maracanas. Errei dois tiros em pombas.

Pelas duas horas da tarde voltei. No alto do morro estava a casinha e defronte avistei fumaça. “Acho que estão fazendo cafézinho”, pensei. Apurei o passo. Com espanto, quando cheguei, vi duas mulheres e um menino defronte a casa.

Os dois companheiros, sentados ao pé de uma gigantesca goiabeira, junto a um foguinho.

Cumprimentei os novos visitantes. Vi logo que deveria ser a mãe com uma filha e um filho. Sentei-me perto de Reinaldo, perguntando a ele quem era essa gente.

“Vieram debulhar milho, que está dentro da casa”.

“Que tal se vocês tivessem arrombado a casa, hein!”

“Dava sujeira”, disse Otilo ... e os dois riram.

O café estava pronto. Convidamos os três para o café. Não queriam. A mãe disse-nos que esquecera a chave da casa. Mandou o filho buscá-la a quase uma légua dali. Perguntamos se podíamos pernoitar na casa: a velha consentiu, com tom desconfiado.

Tomamos o café, aliás, era nosso almoço. Tinha um resto de polenta que foi misturada com lingüiça, um pedaço de broa para cada, sendo mais um almoço fora consumido.

Depois de fartos, lavamos as marmitas, canecas, talheres, etc. Reinaldo foi buscar mais lenha para a noite, pois nesta hora soprava um ventinho de quando em vez.

Pelas quatro horas voltou o rapazinho com a chave. Trazia ainda um cacho de bananas. Deu-nos seis, que repartimos. Estavam ótimas, amadurecidas na própria bananeira.

Entramos na casa para ver o interior da mesma. Não havia outra divisão: nos fundos, tudo empilhado com espigas de milho ainda com palha.

Na entrada, à direita, estava o lugar de fazer fogo; tinha uma espécie de grelha, apoiada sobre pedras. Nas paredes, suspensos por pregos, via-se panelas de ferro, xícaras e latinhas. Numa prateleira estavam os talheres e alguns pratos, um tanto bombardeados. O assoalho, naturalmente não havia.

Trouxemos nossa bagagem para dentro, acomodando-a num canto.

Tomei a espingarda, e fui dar mais uma voltinha, porém sem resultado. O resto da tarde passamos sentados ao pé da goiabeira, fumando e palestrando.

A mãe com a filha trabalhavam na debulhação de milho. O garoto, ao anoitecer, voltou com uns oito a dez sanhaços, caçara perto das mimoseiras com a seta.

Antes do anoitecer, Reinaldo fez fogo no interior do rancho, eu fui até o riacho para buscar água, enquanto Otilo cozinhou o fubá. Preparei a frigideira, e

logo começamos a fritar a polenta. O cheirinho, tão agradável, pôs em alvoroço a caboclada. Volta e meia lançavam um olhar todo especial sobre a frigideira.

Depois de tudo pronto, Reinaldo os convidou e ceiamos conosco, “Não precisa, trouxemos comida”, disse a mãe. Mas continuamos a insistir ... o que mais nos ajudou foi o cheiro da polenta. Cada um levou um pedaço. “Mas está bom”, diziam.

Há quanto tempo talvez estes coitados não comiam coisa parecida!

Já escurecia; sentíamos um pouco de frio. Iniciamos a acomodação das “camas”. Espalhamos palha de milho pelo chão, achando-se no meio desta alguns sabugos. Fizemos uma cama bem grossa. Deitei-me pelas nove horas e com os pés voltados para o braseiro, não sentia tanto frio. O dia passou mais ou menos para meus pés. O novo “sapato” causou certa impressão nos caboclos: certamente nunca viram coisa semelhante.

Não demorou muito e os dois companheiros se deitaram ao meu lado. Assim aquecia o outro. Desejamos “uma boa noite” aos nossos hospedadores.

Entre a palha havia muito sabugo. Além do frio, soprava um vento miserável pelas frestas das paredes e da porta. A palha continha alguns bichinhos, espécie de piolhos. Estes caminhavam e passeavam pelo rosto, enfim, em todo corpo. Eu não podia dormir deste jeito.

Lá pelas dez horas da noite ouvi alguém mexer no fogo. Devagar fui olhando e vi a velha juntando mais lenha no braseiro, para ativar o mesmo. “Talvez seja para aquecer um pouco a casa”, pensei comigo. Mas logo apareceu uma panela sobre o fogo, parecendo conter batatas. A velha evitava todo e qualquer ruído para não nos acordar. Naturalmente fingi que dormia. Quando as batatas ferveram, a velha tirou a panela do fogo, despejando a água. Começaram a comer, quentes como estavam.

Coitados, tinham fome. Mas qual o motivo de fazer tudo às escondidas? Assim eu me perguntava. Ah! Para não precisar nos convidar; de certo tinham pouca batata e farinha. Logo depois foram se deitar, aos fundos.

Durante a noite acordei várias vezes, seja pelo frio ou pelos sabugos que me incomodavam. Assim mesmo era melhor que dormir fora, onde a lua clareava tudo.

Levantei de madrugada. Coloquei uns paus de lenha sobre as poucas brasas, surgindo logo mais o fogo. Clareava o dia. Sai por instantes e vi geada! Era fraca, mas tinha. Disse aos outros, que se admiraram muito.

Fizemos o cafézinho, bem forte e quente; todos gostaram. O pão foi racionado, pois não o tínhamos de sobra.

Oito horas, era tempo de partirmos. Despedimo-nos, agradecendo a permissão de dormir na casa, retornando daí então à velha picada.

Estava um tanto impressionado com a filha da cabocla. Podia-se dizer que era bem bontinha; uns olhos grandes, nariz afilado, pele bronzeada, porém, tinha maneiras nada peculiares aquela gente do mato.

Fazia frio. O sol, porém, deixava a temperatura mais agradável, quando não andávamos sobre as árvores da floresta.

A picada era bem melhor, mais enxuto e mesmo a vegetação diferente. Era aqui o ruído de uma corredeira, uma cachoeira que não se avistava, pois distava da picada. Acolá árvores formidáveis com um mundo de orquídeas e cactos. Um mundo de pássaros voavam aos gritos e chios quando por perto passávamos!

Uma hora mais tarde chegamos à margem do Rio Castelhanos novamente. Já era bem largo e um pouco mais fundo. Apareciam grandes pedras dando um aspecto todo especial. Dos lados erguia-se majestosamente a mata virgem, sombria, misteriosa e empolgante.

Do lado direito da picada, numa encosta, encontramos alguns homens trabalhando na terra, fazendo roça. Entre eles estava o Sr. Piovisan, que nos cumprimentou alegremente.

Perto do rio, num alto, avistamos um rancho bem conservado. Por lá tínhamos que passar por uma porteira. Reinaldo bateu palmas: Apareceu um menino, de uns 16 anos. Perguntou se dava para passar pela porteira e esse consentiu. “Não tem bananas para vender?”, indaguei. O rapazinho entrou e trouxe uma penca. “Isto é para os senhores levarem e comerem pela viagem”. Que menino bom! Vi um couro de tateto e um coatí: o espertalhão já queria fazer negócio comigo. Peita cinco mil réis para cada couro; não aceitei. Otilo perguntou se aí guardavam a chave daquela casa em Castelhanos e de fato aquela cabocla era bem corajosa, aventurar-se sozinha naquela distância.

Despedimo-nos do garoto e seguimos. Passamos por uma plantão de laranjeiras, mimoseiras, bananeiras e mais frutas. Adiante crescia milho e batata doce.

Agora tínhamos que atravessar o Rio Castelhanos. Observamos um tempo a margem oposta, afim de encontrar indícios da picada. Porém nada percebemos. Outro recurso não ouve e entramos na água. Sem tirar os sapatos, pisamos nas pedras. A água estava bem fria. Nos molhamos até os joelhos. O

rio media uns 80 metros de margem à margem. Não foi difícil descobrir a continuação da picada. Esta tornou-se bem estreita, dentro da mata.

Árvores espigadas e bem retas nos defrontavam. Por baixo era mais ou menos limpo, sem vegetação rasteira. Notei uma grande diferença em raízes de certas árvores: muitas delas apresentavam raízes tubulares. Estas aumentam a resistência do tronco contra ventos e contra o chão inclinado.

O terreno tornou-se bastante montanhoso. Sempre descendo, chegamos a um outro rio, que mais tarde soubemos tratar-se do Rio Zoador. É bem menor que o Rio Castelhanos. Atravessamos uma pinguela, feita por um tronco reforçado. Tomei mais cuidado, pois lembrei-me da outra pinguela sobre o Castelhanos.

Subimos um novo morro. Começavam as subidas e descidas fortes. Cruzamos o Rio Castelhanos pela terceira vez, acompanhando-o um tempo pela água, sobre um banco de areia. Era mais fundo e não tão largo como acima. Que linda paisagem a da Serra!

Subimos um barranco, na margem oposta, e penetramos no mato. Chegamos numa tapera, onde cresciam mamoeiros bem carregados. Que lindos mamões! Estavam verdes. Espalhados pelos terrenos, via-se os restos de um ranchinho. Paramos um pouco para descansar.

Instantes após rompermos, ouvimos pancadas de ferro sobre ferro, bem ao longe. Paramos para escutar melhor.

“Ah! Já sei”, disse Reinaldo. “Acho que estamos perto da casa dos Grocha, do Pedro. Vamos indo”.

As pancadas tornavam-se sempre mais nítidas a medida em que nos aproximávamos. Em certa altura, quando começávamos a descer os morros, avistamos um rio bem grande. Havia bananeiras, tanto do lado que estávamos, bem como no outro lado do rio. Lá notamos uma casinha, ou várias delas, todas cobertas com guaricana. Na margem ainda vimos uma canoa. Cercava aqueles ranchos uma plantação de bananeiras, mimoseiras, limeiras e outras.

“É o Rio São João”, explicou Reinaldo. “É o mesmo que vem da Usina de Castelhanos”.

“Como é bonito este rio!”, exclamei.

Mede aí uns 70 à 80 metros de largura. Muita correnteza, o que se notava pela espuma e ondas formadas em todo lugar.

“Estão vendo o rancho entre as bananeiras?”, perguntou Reinaldo. Foi lá que a polícia prendeu o criminoso Papst, companheiro de Kindermann.

Chegando na margem, vimos que o Rio Castelhanos deságua a poucos metros de onde estávamos, à nossa esquerda, no São João.

Reinaldo e Otilo chamavam: “Ó canoeiro! Canoeiro! ...”

Ninguém nos ouvia. As pancadas sobre ferros continuavam como antes.

“Aqui mora o polaco Pedro Grocha”, disse-nos Reinaldo. De certo está concertando alguma ferramenta.

“Vamos atravessar o rio à pé?”, propus eu.

“Está louco! Não vê a correnteza?”, replicou Otilo.

Olhei bem ... e entrei na água. “Não vá Raul”, ouvi Reinaldo dizer. Mas eu estava resolvido.

Fui devagarinho, bem devagar; quanto mais me afastava da margem, maior a correnteza. A água já ia-me pela cintura. Estava fria. Mais alguns passos, e parei. “Será que volto?”, pensava. “Mas já estou pela metade do rio!” Olhei para trás, e com grande alegria vi que Reinaldo e Otilo acabavam de entrar na água. Fui para frente.

A correnteza obrigava-me a fazer passos bem curtos. Queria alcançar a canoa mas não foi possível. Fui levado a uns 30 metros mais para baixo. O mesmo aconteceu com os companheiros.

“Só por tua causa me molhei todo”, resmungou Otilo.

“Não há de ser nada”, repliquei. “Daqui a pouco estamos secos”.

Subimos uma pequena rampa, toda de pedras. Estávamos entre os pés de limas, laranjas e bananeiras.

“Lá está o Pedro”, disse Reinaldo, apontando para um homem sentado sobre seus próprios calcanhares. Com um martelo em uma das mãos e uma foice na outra, batia continuamente sobre esta, talvez espichando mais.

“Ó de casa”, gritou Otilo repetidas vezes. O polaco estava tão entretido em seu serviço, que nada ouvia. Vínhamos chegando mais perto, quando nos percebeu. O bom homem assustou-se um bocado, vendo perto de si uns desconhecidos, barbados, armados de revólver e facão, sujos ainda por cima! Levantou-se depressa!

“Bom dia, Sr. Pedro”; cumprimentou Reinaldo.

“Bom dia”, repetimos nós, rindo um pouco do susto que lhe causamos.

Demos a mão a ele.

“O senhor não me conhece mais?” perguntou Reinaldo.

“Pois eu não estou lembrado do senhor”, respondeu, nos examinando atentamente.

“Eu sou Reinaldo, filho do Ricardo Melzer, o marceneiro de Campo Largo da Roseira”.

Senhor Pedro pensou um pouco, recordando-se de tempos atrás. “Mas naquele tempo o senhor era um garoto!”, disse.

“É isso mesmo, era um gurizote, quando morávamos no Cunháí”

“Agora me lembro! Mas como se passam os anos! O que vieram fazer para esses lados? Caçar?”, disse Pedro.

“Não é bem isso; viemos passear um pouco, esquecer o mundo. Queremos ir até Guaratuba”.

“Ah! Isso dá pra ir, mas vamos entrar um pouco no rancho. Está fazendo um sol medonho de quente”, e daí adentramos o rancho.

Pedro era um homem de estatura média, não magro mas bem robusto, musculoso. O rosto, curtido pelos raios solares e chuvas. Lhe olhava a cabeça, grisalha, com um chapéu de palha.

“Não sei”, começou Pedro. “Hoje de manhã acordei com uma dor nesse olho, e não sei o que será”, mostrando o olho.

“Dá licença”, pedi e examinei sua vista. Observei um ponto preto na pálpebra. Pedi um palito de fósforo, mastiguei uma ponta, até ficar macia, e extraí o corpo estranho, após várias tentativas. Saiu bastante água dos olhos, pois o Sr. Pedro era um homem duro.

Mostrei-lhe o macadame, ele piscou, piscou e não sentiu mais nada que lhe incomodasse.

“Agora está bom. Muito obrigado ... ou quanto devo?”

“Nada”, disse; e me ri.

Na conversa que tivemos, soubemos que o Sr. Pedro morava já há cinco anos neste lugar. Quase não acreditei. Francamente, morar naquele rancho, cinco anos! Assoalho era de terra batida, as paredes de taquara e finos troncos de árvores amarradas com cipó. O telhado, de folhas de guaricana. Não havia divisão nenhuma no interior, dormia no chão, pois não vi tarimba alguma. A única coisa que tinha lá dentro era uma pequena rede. Para seu filinho, uns tocos para sentar. Algumas prateleiras e um fogão de barro perto da porta. O rancho podia medir dois metros e meio de largura por cinco a seis metros de fundo. E aí moravam três pessoas: Ele, sua mulher e seu filinho de um ano!

Notei, em pleno dia, uma quantidade de baratas. Como haveria de ser à noite!

“Meio dia”, disse eu. “Vamos comer qualquer coisa”.

“É sim, queremos ir adiante ainda”, observou Reinaldo.

“Mas hoje não vão adiante”, disse Pedro. “Possem aqui esta noite, e amanhã estarão bem descansados”.

“E o senhor, onde irá dormir”, perguntou Otilo.

“Minha mulher não está aqui, foi para uma festa lá nos poteiros. Eu vou de tarde. Assim deixo meu rancho para os senhores ficarem à vontade. Só volto amanhã pela hora do almoço!”

Pensamos um pouco e resolvemos ficar. Otilo queria passar a tarde pescando. Trouxemos mochilas e tudo o que possuíssemos para dentro do rancho, acomodando tudo num canto.

Tiramos uma broa com lingüiça. Coloquei a broa sobre uma pedra, perto do fogo, para deixá-la mais mole. Sr. Pedro fez um cafézinho de tropeiro e ofereceu-nos uma feijoada feita por ele.

Preferimos a nossa broa à feijoada.

Enquanto comíamos a conversa caiu no assunto que interessava muito: a prisão do Papst. Pedro nos contou mais ou menos o seguinte.

“Eu naquele dia estava preparando qualquer coisa dentro do meu rancho. A mulher não estava. Um pouco antes do almoço apareceu um homem, barbado e magro, a roupa toda rasgada e os pés descalços. Pediu-me um prato de comida. Dizia ter se perdido no mato e fazia dias que nada comera. Mandeí o homem entrar e sentar. Vi que seus pés estavam ensanguentados, inchados, cheios de ferimentos. Mal podia caminhar. Fiquei com dó do coitado e, quando a mulher veio, mandei esquentar água para lavar os seus pés. Arranjei um prato

de comida, depois outro, e mais um pouquinho. O homem estava com fome mesmo!”

Tinha um olhar inquieto, foi o que notei. Fiz uma cama para ele aqui do lado; tratei dele dois dias. Seus pés estavam melhorando bastante. No primeiro dia conversou bem pouco. No outro dia falou mais. E no terceiro dia, de manhã, apareceu um caçador aqui em casa. Trazia dois cachorros amarrados em cordas. Ouvimos o latido já de longe.

“O homem ficou muito alvoroçado mesmo, querendo ir embora. Mas o caçador bateu e fui ver o que ele queria. Ele cumprimentou, chegando até esta porta. Perguntou se não tinha visto uma anta hoje pela manhã, a qual os cachorros acucaram e tocaram para dentro d’água. Disse-lhe que nada sabia sobre a dita anta. Causou-me estranheza a tal pergunta.

“O caçador ainda me perguntou se eu tinha espingarda. Disse-lhe que naturalmente tinha. Pediu-me para que mostrasse a tal pica-pau, como ele se expressou. Entrei então para dentro de rancho e ele também lembrou um pouco, vendo naturalmente o homem deitado. Este sempre ficava mais desconfiado e inquieto. Mostrei a pica-pau, o caçador examinou se estava carregada, conversou um tempo e disse que ia procurar a anta.

“Meu hóspede, que dizia chamar-se João, queria comer qualquer coisa e ir para Guaratuba. Eu queria acompanhá-lo até a entrada do mato, para mostrar a picada certa.”

“Estávamos quase prontos para partir, quando voltou o mesmo caçador, e me chamou para fora, pois queria me mostrar uma coisa. Saí, ficando meu hóspede só. O caçador perguntou-me quem era aquele homem no meu rancho. Disse chamar-se João e que estava comigo há três dias”.

“O caçador disse-me então que ele precisava prender este homem, pois era um criminoso, fugitivo da Penitenciária. Assustei-me, como é de se esperar. Mandou que eu ficasse fora e fez um sinal com o braço. Logo saíram três homens, armados de fuzis entre as bananeiras. Correram para dentro do rancho e só vi quando trouxeram o Sr. João para fora, todo amarrado. Vieram depois para onde eu estava, querendo me levar também para o Chefe de Polícia.

“Mas eu jurei que nada sabia da vida daquele João e contei tudo como se passou. Sorte que minha mulher não estava naquele dia. Estava no sogro, nos Potreiros.”

“Afinal, os homens da polícia se foram com o Sr. João. Passei um grande susto.”

“O Sr. talvez pensou que nós três também éramos uns criminosos, não foi?”, perguntei ao Sr. Pedro.

“Bom, eu não podia pensar nada, mas sempre se desconfia, ainda mais que nunca vem gente da cidade para cá”, consentiu meu bom Pedro.

Passou um bom tempo nessas conversas. Pedro prontificou-se a sair logo conosco, afim de nos mostrar a entrada da picada ou o atalho para o Cubatão.

Primeiro nos mostrou as suas plantações e demais benfeitorias. Vivia ele de plantação mais a criação de porcos. Plantava de tudo: bananeiras, mimoseiras, laranjeiras, limeiras, limoeiros, cidreiras, abacateiros, mamoeiros, cana de açúcar, mandioca, aipim, taiá, cará, milho, batata doce, batata inglesa, etc. No pátio havia mais outros ranchos. Num deles um polaco mesmo construía um moinho de mandioca e milho, feito exclusivamente de madeiras muito duras e pregos curvados. Havia uma prensa para espremer a mandioca, enfim, uma instalação primitiva, rústica, mas engenhosa e prática.

Vimos muitos porcos e galinhas. Admirei o trabalho do Sr. Pedro, mas quanto a casa em que habitava ...

Contou-nos que o sogro morava num dos ranchos vizinhos, mas que atualmente estava de viagem.

Atravessamos toda a plantação. A caminho sobre um morro alto deste avistava-se grande parte do rio, toda a plantação e a casa do Sr. Pedro.

Tirei duas fotografias do rio, por não ter certeza se a primeira saiu de acordo.

Resolvi não seguir mais para adiante, pois meus pés estavam doendo muito. Meus companheiros e Pedro foram seguindo o caminho. Sentei-me num tronco de árvore caído, a admirar a natureza, quando ouvi um tiro, bem ao longe. Reinaldo, que levava a espingarda, não dera este tiro. Eu conheceria logo o barulho da minha espingarda. Foi de algum caboclo caçador.

Esperei a volta do pessoal, demoravam bastante. Voltei devagarinho para o nosso rancho.

Ouvi alguém chamar meu nome, era o Reinaldo. Vinham de volta. Trazia um macuco na mão. Que alegria!

“Quem atirou?”, perguntei logo.

“Foi um caboclo, há bem pouco tempo. Não ouviu o tiro?”

“Mas o caboclo deu este macuco para vocês?”, perguntei admirado. Riram-se. “É, nós o compramos, para ter outra coisa na janta”, disse Otilo.

Pesava quase três quilos esse bichão. Pensávamos na boa janta que teríamos nesta noite.

Reinaldo e Otilo ficaram no rio para pescar. Pedro e eu voltamos ao rancho. Fui logo atrás do rancho, afim de depenar o macuco. Não foi nada bom esse serviço.

À tarde, quando eu acabava o serviço, voltaram os pescadores: Não haviam pescado nada. Agora precisava lavar o pássaro. Pedi ao Reinaldo lavar uma panela, onde tinha pedaços de carne de tamanduá-mirim, que Pedro caçara no dia anterior. Ele, porém, levou o macuco ao rio, assim como a panela eu levei.

Enquanto nós lavamos, um o macuco, outro a panela, ouvimos o concerto da passarada no mato. Era um assobiar, cantarolar e chiar no mato, de macucos, saracuras, inambús, rolas, sabiás, até macacos. Que alegria lá no mato!

Ao anoitecer fui novamente ao rio buscar água. Ao mesmo tempo me lavei o rosto, mãos e braços. Os “sapatos” estavam se desmanchando aos poucos e os pés doíam-me muito.

Admirei o rio de noite: sua espuma, formada pelas corredeiras, brilhava com luzes azuis. Que encanto, que noite!

Voltei, Sr. Pedro estava se arrumando para ir ao baile.

“Em duas horas estou lá”, dizia, “dá bastante tempo para ver as caboclinhas”.

“Reinaldo, vou ferver o macuco”, disse eu.

“Faça como quiser. Você vai preparar a comida hoje.”

Numa panela o macuco fervia. A água ficou toda verde e achei melhor despejar a mesma. Quando Reinaldo viu a cor da água achou melhor fritar a carne. Ele então continuou a preparar o jantar.

A feijoada fervia a valer. O cheiro desta misturado com o macuco era de dar água na boca.

“Vamos jantar primeiro, Sr. Pedro”, convidou Otilo.

“Não, vou jantar lá. Amanhã cedo estou de volta com a patroa, e se os senhores não esperarem, fechem a porta, para que os porcos não entrem. O caminho para o Cubatão já o sabem agora.”

“Bem Sr. Pedro, está tudo certo, observou Reinaldo: “Quanto estamos devendo?”

“Ora! Nada estão devendo!”, foi a resposta.

“Não, mas ...”

“Mas ... nada. Eu também comi do pão e do salame que me deram! Então boa noite, e até amanhã, se Deus quiser!”

“Boa noite Sr. Pedro, e boa noite por enquanto.”

Demos a mão para a despedida ao nosso bom hospedador.

Sentamo-nos e conversamos sobre o dia de hoje, este foi bem bom. O jantar estava esplêndido: polenta, feijão, macuco, salada, de palmito, e como sobremesa, limas e laranjas. Comi demais, a ponto de quase explodir.

Agora víamos a quantidade de baratas: Era incrível! Nas prateleiras, pelas paredes e pelo chão, tudo cheio. Dormir com companheiros deste naipe não podia ser muito agradável.

Pelas nove horas da noite limpamos o chão, estendemos as nossas capas de oleado sobre a terra e nos acomodamos o melhor possível. Fiz um banho de salmoura forte nos pés. Ardiam, mas era bom.

O fogo aquecera o nosso ranchinho suficientemente. Dormimos como sempre, um ao lado do outro. Dessa vez o colchão estava meio duro, mas não ligávamos mais para isto. Também não era preciso rondarmos, pois encostamos bem a porta.

Quando no dia seguinte acordei, era já dia claro. Seriam sete horas. Fizemos logo o nosso café de tropeiro. Antes fomos nos lavar na margem do São João. Fraca neblina cobria a Serra e a temperatura era baixa.

Depois da refeição matinal, tratamos de arrumar as mochilas. Resolvi tirar uma fotografia da zona. Achei que na outra margem do rio, naquele morro por onde viemos, podíamos ter melhor e mais vista.

Otilo ofereceu-se para me levar até a outra margem com a canoa. Tomou o remo e partimos. Não foi fácil conduzir a canoa em um rio tão correntoso. Reinaldo nos acompanhava com a vista.

Chegando, cortei logo uns paus para que servissem como tripés. Escolhi uma vista entre duas bananeiras e bati a chapa.

Na volta, Otilo começou a brincar com a canoa, a qual quase virava. Meu maior trabalho era o aparelho fotográfico, pois se caísse na água, inúteis saíam os filmes e o aparelho.

De volta ao rancho varremos bem o chão, enquanto Reinaldo foi dar uns tiros nos fundos do terreno. Trouxe três pombas rolas. Fizemos um feixe das mesmas pendurando-as dentro do rancho em uma vara. Juntei uma nota de cinco mil-réis. “Isso é melhor que nada”, pensei.

Dez horas! Me assustei! Apuramos a arrumação do rancho. Partimos momentos depois. Tiramos algumas limas e limões para a viagem. Seguimos o mesmo caminho que Pedro nos mostrara. Antes de chegarmos na dita picada, encontramos-nos com três mulheres, tendo duas delas crianças no braço. Cumprimentaram um tanto curiosas e preocupadas.

Reinaldo perguntou a uma delas se conhecia o Sr. Pedro. Ela riu um pouco encabulada e disse: “Se conheço, pois sou a muié dele”. Reinaldo então explicou a ela que nós três havíamos dormido no rancho e que deixamos umas pombas há pouco caçadas. Ainda agradecemos e nos despedimos.

Entramos em mato bem fechado, pela picada que nos devia conduzir ao Cubatão. Vinham agora as montanhas. Já de começo, as subidas eram duras. Levamos quase uma hora para escalarmos a primeira montanha, era a Serra do Macuco. O suor pingava da testa ao nariz.

O mato era bem limpo por baixo: as árvores, de tamanho respeitável, apresentavam na maioria troncos lisos e retos, de cor esverdeada. Muitas e muitas com raízes tabulares, dando um aspecto lindo e característico. As figueiras, por exemplo, estão totalmente suspensas pelas raízes, podendo-se mesmo passar por baixo do tronco em algumas delas.

Reinaldo ia na frente com a espingarda pronta para atirar. Seguia Otilo e depois eu. Em dado momento, Reinaldo parou, mandando silêncio. Ficamos bem quietos e ele a observar qualquer coisa na frente, entre as árvores. Ergueu devagar a espingarda, uma rápida pontaria, e saiu o tiro. Imediatamente qualquer coisa se debatia na direção do tiro. Corremos até lá, e ... um enorme macuco! Fiquei alegre, pois era o primeiro que via no mato.

Tínhamos carne para mais um dia. Reinaldo carregou a espingarda novamente, enquanto Otilo cortou um pedaço de cipó, amarrando o macuco na sua mochila. Continuamos a escalada.

Quantas paradas não fazíamos! O suor cobria os nossos rostos, entrando nos olhos. Estes, por sua vez, ardiam como se tivéssemos sabão nos mesmos. Mas não, para a frente! Não podíamos perder tempo.

Finalmente chegamos numa pequena chapada. Havia ali indícios de fogueira e de alguém que posou no local.

“Aqui decerto algum caboclo posou pela noite”, disse Reinaldo. Estávamos no alto da primeira montanha! Tinha um pouco de serração. Também não podíamos enxergar nada, devido ao mato.

Reinaldo parou e me perguntou: “Sabe o que é isso, Raul?”

“Deve ser o rastro de um animal, talvez um boi”, disse.

“Isto é rastro de anta! Verifique as pisadas no chão mole. Está vendo aquelas árvores pequenas aí, quebradas?”

De fato! A anta abriu quase que uma picada através do mato. “Se pudéssemos encontrar um animal desses”, pensei. Um quilometro adiante, encontramos rastros de porco de mato. Deviam ser muitos porcos, devido a quantidade de pegadas. Macacos também não faltavam, apesar de eu não ver nenhum, tão bem que se escondiam entre as folhas. Os seus assobios eram bem característicos.

Atravessamos um córrego. Pelo ruído, lá adiante, deveria haver uma cascata. Mudamos a água nos cantis e resolvemos ver a cascata. Otilo tirou a bateia, começando a garimpar, examinando a areia do córrego. Reinaldo me acompanhou. Com a ajuda do facão não demoramos em alcançar o objetivo. Media uns 8 à 10 metros de altura, mas assim mesmo era bonita, pois estava muito bem escondida entre cipós e demais trepadeiras. Tirei mais uma fotografia daí.

Não nos demoramos muito. Otilo achou que tinha ouro, mas bem pouco. Guardou suas bateias, indo até a cascata. Em seguida rompemos, caminhando até uma e quarenta da tarde. Sentia-me um tanto cansado e com fome. Paramos num bonito arroio que corria entre pedras, em um lugar onde o mato era formoso. Orquídeas, algumas em flor, parasitas, cipós, trepadeiras, caraguatás, tiriricas, etc.

Em minha marmita tinha um resto de comida: polenta, feijão, macuco e palmito, tudo misturado. Para fazermos fogo, não dava tempo. Comemos tudo frio mesmo. E que delícia! Mas também que fome! Renovamos a água nos cantis e prosseguimos a viagem.

Não subimos tanto, pois estávamos rodeando uma outra montanha. Ora subíamos, ora descíamos; algumas fendas profundas e perigosas eram transpostas sobre árvores e troncos caídos. Entre um tramado de cipó e taquarussú, que formava verdadeiro túnel, achei de repente um macuco! Ah, talvez o Otilo o perdera? Pensei em pregar-lhe um susto. Quando o alcancei, perguntei-lhe onde estava o macuco. Parou, começou a examinar, mas o não o achou. Reinaldo também ficou triste; perguntou se eu não tinha o achado. Mostrei então o bicho, e ficaram bem contentes. Por castigo tive eu que carregá-lo por um bom trecho.

Estávamos caminhando quando Reinaldo parou novamente, fazendo uma rápida pontaria com a espingarda e atirando. Vi um pássaro voar e um outro se debater entre a folhagem; era um casal de macucos! Quando Reinaldo quis pegar o macuco ferido, este saiu correndo por entre as árvores.

Corremos atrás um tempinho, encontrando-o, afinal, em um tronco de árvore caído; não podia mais correr: Já tínhamos dois macucos, carne portanto, não nos faltaria.

Foi agora então que senti estar perdendo as minhas sandálias de lona. Estava toda rasgada e naturalmente não fiquei nada contente com isto. Teria que andar descalço e os pés ainda estavam abertos. Não houve outro remédio; foi uma lástima! Quantas vezes bati o dedão dos pés contra tocos e raízes!

Tanta foi minha desgraça, que comecei a duvidar da picada: pensei estarmos errando pelo mato. Mal podíamos ver a mesma! Tudo encoberto por vegetação rasteira, cipós, trepadeiras, etc.

Estava eu na maior das desconfianças quando avistamos dois caboclos vindo ao nosso encontro na mesma picada. Deviam ser pai e filho. Cada qual carregava uma grande cesta nas costas, presas como se fossem mochilas.

Cumprimentamo-nos. Reinaldo perguntou logo de onde vinham, sinal de que também ele desconfiara da picada.

“Chegamos do Cubatão”, disse o mais velho.

“É longe daqui”, perguntei.

“É longinho. Mecês vão andar umas três horas ainda. Mas agora é quase só descida. Chegando no Ribeirão Grande, sobem um pouquinho uma montanha e depois descem a Serra Grande até o Cubatão”. Foi mais ou menos esta explicação que nos deu.

Felizmente ainda estávamos na picada certa!

Bebi um gole de água do cantil, oferecendo também aos dois caboclos; que infelizmente aceitaram, tomando toda a água do meu cantil.

Informaram-se sobre a possibilidade de arranjam um emprego em São José dos Pinhais ou em Curitiba. Queriam trabalhar na lavoura. Chegar do Cubatão até São José, somente para trabalhar mais perto da cidade! Era muita vontade!

Reinaldo e Otilo deram umas informações pouco precisas mas já servia para eles. Nos despedimos.

Meia hora depois chegávamos no Ribeirão Grande. Antes atravessamos uns riachos pequenos e um pouco de banhado.

O Rio Ribeirão Grande é de fato um lindo rio, não em quantidade de água, mas na vegetação imponente e grandiosa; suas águas cristalinas deslizam sob um teto sempre verde e azul. A floresta virgem ornava suas margens calmas e arenosas. Media uns trinta metros de largura, com apenas um metro de profundidade. No fundo via-se areia fina e alva, aparecendo em certos lugares enormes blocos de pedras como granito vermelho.

Fiquei verdadeiramente pasmado, pois nunca imaginara coisa tão grande, tão bela! E que água cristalina!

Contemplando um tempo tudo isso, resolvi tirar uma fotografia. Ao longe ouvia-se o ruído de uma cascata ou cachoeira, fomos vê-la primeiro. Deixamos mochilas e demais coisas que nos estrovavam na beira, entrando na água com sapatos e calças.

A água estava fria, o que me fez bem aos pés descalços e inchados.

O ruído tornava-se sempre mais forte à medida que nos aproximávamos da cascata. A água nos alcançava até o fundo das calças; coisa bem desagradável, mas ...

Enquanto andávamos devagar, comecei a observar a variedade incrível de vegetação. Aqui umas palmeiras de palmito, ali fruteiras formidáveis, acolá um taquaral impossível de passar.

As pedras tornavam-se mais freqüentes; a água tinha mais correnteza. Enfim chegamos na suposta cascata. Um barulho ensurdecador, mas no entanto, não vimos cascata alguma.

Um enorme bloco de granito trancava o rio, deixando uma pequena saída ou passagem, onde a água jorrava com fúria e poder incrível! A violência era

tamanha que aquele enorme bloco de pedra tremia intensamente, e uma forte espuma juntamente a um nevoeiro mostrava a passagem do rio.

Foi ali que tirei a fotografia. Os dois companheiros se colocaram sobre o bloco e eu desci o rio mais um pouco. Abaixo desta cachoeira, a água tornou-se bem escura, talvez, pela profundidade, além de haver muitos rodamosinhos nesse poço.

Quando voltamos às nossas mochilas, o céu, antes azul, ficou nublado. Comemos um pedaço de broa com lingüiça, bebemos água, renovando-a nos cantis.

Atravessamos o rio, subimos um trecho a montanha em frente, depois um pequeno banhado, e começou a descida da Serra Grande.

Em partes, descíamos agarrados em cipós e árvores, por uma mata formidável. Encontrei inúmeras qualidades de frutos e sementes, de vários tamanhos e formatos. Uma tinha o tamanho de uma pinha, assemelhando-se em muito com a fruta do conde, porém com a casca bem dura.

Pelas quatro horas encontramos uma palmeira carregada com uns seis cachos de cocos: era uma brejaúva. Otilo trepou, cortando um cacho com o facão. Pesava uns vinte quilos. Abrimos um coquinho e vimos que havia só um líquido e uma geléia, pois ainda estavam verdes. O líquido, porém, era doce; enchemos os bolsos com coquinhos.

Mais serra abaixo, topamos com um bando de tucanos: Reinaldo atirou em um, mas não o atingiu por estar muito alto. A espingarda começou a negar tiros, não funcionando também a sua extração dos cartuchos. Precisava de uma reparação.

Paisagens raramente víamos. Quando as árvores se separavam um pouco, enxergava-se outras montanhas, além do Vale do São João. Muitas vezes ouvíamos ruídos de cachoeiras, talvez da desembocadura do Rio Arraial no São João e mais para baixo a desembocadura deste no Rio Cubatão.

Em dado momento deparamos com coisa bem interessante: um tanto à esquerda da picada, entre grossos troncos de árvores, havia uma pedra triangular. Chegando lá, notamos ser um marco! Este foi talhado na própria pedra, medindo pouco mais de um metro de altura por trinta centímetros de largura. Estava firmemente cravado no solo, não sendo possível mover-se do lugar. Bem talhado não tendo marcação alguma. Coloquei a bússola sobre o mesmo, mas nada pude deduzir da direção. Mais adiante, caídas no solo, duas árvores com as raízes para fora. Que significação terá o marco?

Sem acharmos uma solução satisfatória, seguimos Serra abaixo pela velha picada. Estávamos costeando a última montanha, quando pelas cinco horas chegamos a uma roça. Nada havia plantado, pelo menos nada se notava. Sou franco em dizer que foi para mim um grande alívio, pois onde tem roça, tem gente.

A unha do dedão do pé estava toda azul e roxa: resultado da caminhada descalço. Parecia andar sobre brasas.

Antes de chegarmos na roça topamos com um olho d'água, onde bebemos a valer, ainda mais que nossos cantis estavam secos.

Agora notei que haviam plantado mandioca na roça, já que saiam os brotinhos.

Podíamos ver muito bem a última montanha que deixamos para trás. Baixas nuvens rodeavam a mesma escondendo o pico em uma manta branca.

Atravessamos toda a roça avistando um rancho atrás de umas bananeiras e goiabeiras, cobertos com folhas de guaricana. A porta estava fechada; Otilo bateu palmas, bradava, mas nada se movia lá dentro. Eu sentei-me um pouco em um toco para descansar.

“Eu vou para adiante, quero ver se não tem outra casa por perto,” disse Otilo, e seguiu o caminho. Reinaldo e eu conversamos quando ele voltou. Nos informou que encontrara um rancho mas não falou com ninguém.

Reinaldo achou que seria melhor pedir licença a eles, afim de passarmos a noite sossegados. Ele mesmo foi, levando um macuco, para presentear aquela gente, isto é, o futuro vizinho.

Enquanto isso Otilo afastou a porta do rancho e entramos.

“Veja, Raul, naquele canto tem umas brasas acesas. Acho que há pouco ainda tinha gente!”

“É mesmo, acho melhor fecharmos a porta novamente,” disse eu, e saí.

Não demorou muito e veio Reinaldo com o macuco na mão.

“Não tem ninguém naquele rancho”. Esperei e bati, mas em vão!

“Será que ficaram com medo de mim?”, perguntou Otilo.

“Talvez! Não estão acostumados a ver gente branca por aqui”, respondi.

“Vamos entrar assim mesmo”, disse Reinaldo, “nós somos em três, podemos arriscar”.

O rancho era dividido em dois apartamentos: cozinha e quarto de dormir. A cozinha não tinha assoalho, nem fogão, apenas umas prateleiras e tocos que serviam como bancos. Nas prateleiras tinha canecos, xícaras quebradas, algumas colheres e mais miudezas. No chão, encostadas nas paredes, achamos cinco gamelas de madeira.

No quarto vizinho também não havia assoalho; no entanto, num canto tinha uma tarimba, feita de madeira fina bem flexível. Ela podia medir dois por dois metros e meio de largura. Algumas esteiras estavam enroladas sobre a mesma. Não tinha cobertas, nem travesseiros. Num canto vimos uma pequena rede trançada de cipó: esta servia para o bebê.

Achei esse trabalho muito interessante, como o molejo da tarimba.

Tratamos de fazer fogo onde estavam as brasas. Eu fui depenar e limpar os dois macucos. Otilo foi buscar água; Reinaldo trouxe lenha para a noite.

Aos poucos escurecia. Já sentia um friosinho. Eu estava fora, com um macuco quase pronto. O Otilo trouxe a água e sentou-se perto do fogo ao em vez de ajudar-me. Reinaldo estava pondo mais lenha no fogo, quando ouvi Otilo dizer-lhe:

“Não derrube a água seu ...”, e proferiu um palavrão.

Reinaldo, que momentos antes veio buscar o macuco já limpo, para destripá-lo, respondeu a altura esta ofensa, arremessando o macuco no rosto de Otilo. Naturalmente, como eu estava de fora, fiz como nada ouvisse ou visse. Se a briga continuasse, eu estava disposto a pedir que não fizessem tal coisa, já que estávamos no fim da viagem. Felizmente o Otilo não reagiu, sentou-se em um canto longe do fogo e começou a chorar.

Fora já era noite. Afastei-me um pouco para mais longe da porta e sentei-me num toco. Continuei a limpar o macuco. Estava eu talvez mais aflito que os companheiros.

Não demorou muito, saiu o Reinaldo.

“Raul”, chamou.

“Estou aqui Reinaldo, respondi.

Ele veio. “Teu macuco já está pronto?”, perguntou. Notei que sua voz tremia levemente.

“Esta quase pronto, trazes o outro macuco?”, respondi.

Não disse nada. Perguntei se a bóia já estava pronta, e o café também. Fiz como se nada soubesse.

Aí começou a me contar o que havia se passado. Dei a razão a ele, pois sabia mais ou menos o jeito do Otilo.

Ajudou-me na limpeza do pássaro e depois entramos.

Otilo estava ainda sentado no canto, a cabeça enterrada entre os braços e apoiados nos joelhos.

Sentamos sobre os cocos, perto do fogo, e começamos a jantar: broa com lingüiça crua. Café não tinha. Já nos faltava o açúcar.

Reinaldo perguntou ao Otilo se não queria comer, mas este, não respondeu. Mais tarde também comeu um pouco e em seguida foi se deitar no quarto ao lado, sobre a tarimba.

Cortei o macuco em pedaços, salguei-os e coloquei numa das gamelas de madeira. Queria fazer uma salmoura para lavar os pés, mas não tinha água. Fui deitar-me assim mesmo.

Reinaldo e eu estendemos as esteiras sobre a tarimba, tiramos os cobertores ou mantas das mochilas, cobri-me e ... sei que dormi a noite toda.

Pelas sete horas do dia seguinte nos levantamos e não senti frio algum, pois estávamos num lugar onde o frio era raro.

Saí para lavar o rosto em um arroio nos fundos do rancho. Otilo foi comigo: já estava bem calmo, como sempre.

Uma fraca neblina cobria a Serra. Não muito longe do rancho devia estar o Rio Cubatão. Resolvemos tomar um banho no mesmo, após nove dias sem nos lavar!

No mato começou um concerto da fauna; ouvíamos os tucanos, macucos, inambús, gralhas, gaviões, sabiás, micos, etc. Mais outras tantas aves saudavam o clarear do dia, louvando talvez mais que qualquer um de nós, a obra do Criador.

De volta ao rancho, tomamos um café sem açúcar e comemos polenta frita. Ainda antes de partirmos em direção ao rio, tirei outra fotografia da Serra. Ainda fui até o arroio, lavar os pedaços do macuco que na noite anterior havia salgado, começando daí a fritá-lo.

Nisso entrou um cachorro no rancho, e logo atrás deste um caboclo. Nos cumprimentou, e sem mais, sentou-se perto do fogo. Reinaldo perguntou-lhe se era dono do rancho; e era ele mesmo. Começamos a explicar nossa chegada, que fomos até a casa do vizinho pedir licença para dormirmos neste rancho, enfim, foi tudo bem explicado. O caboclo não conversou muito; deu-nos, porém, autorização para permanecermos no rancho.

Otilo se informou sobre o tempo necessário para cegar até Guaratuba.

“Mecês querem ir até Guaratuba? Pois eu posso levar mecês até lá”, foi a resposta esperta do caboclo.

“Quantas horas de viagem são necessárias?”, perguntei.

Pois do porto leva cinco horas de canoa”.

“Onde é que fica o Porto que o Sr. fala?”, perguntou Reinaldo.

“É o Porto do Rio Cubatão. Daqui até o Porto mecês gastam três horas”.

“Por quanto o Sr. nos leva até Guaratuba?”, indagou Otilo.

“Mecês até não vão acreditar, mas é verdade. Há uns dias atrás levei três homens da cidade com minha canoa e me deram trinta mil réis. Os três eram bem parecidos com mecês”.

Tive que rir da esperteza do nosso caboclo. Notei logo que isso não era verdade, pois o Sr. Pedro, lá no Rio São João, na certa nos teria contado sobre a passagem desses três homens. Queria é ganhar estes trinta mil réis!

Reinaldo parece que tinha o mesmo pensamento, disse que ainda iria pensar.

O caboclo ficou um tempinho, levantou e despediu-se, dizendo que voltaria à tarde, para saber da resposta.

Um macuco estava frito, a polenta também. Daqui a pouco o nosso caboclo estava no rancho novamente, com uma cesta.

“Trouxe umas mimosas para vocês chuparem”, e pôs a cesta no chão. Agradecemos a bondade do homenzinho. Este logo saiu mas o cachorro ficou, talvez atraído pelo cheirinho da polenta frita e do macuco. Rodeava de longe a gamela ... estava ruim, pois queríamos tomar banho! O único recurso foi o de colocarmos a gamela e a frigideira na prateleira mais alta. Também escondemos as mochilas.

Fechamos bem o rancho, e caminhamos na direção do rio, sempre pelo mato. Nos orientamos mais pelo ouvido, na direção de um salto. Andamos mais de meia hora até chegarmos. O rio podia ter uma largura de 70 metros. Era todo coberto com enormes pedras, entre as quais se espremia o rio com violência, dando um aspecto bem interessante, ao mesmo tempo majestoso. Parecia que esses blocos de granito foram semeados dentro d'água!

Aqui e acolá notava-se uma pequena ilha coberta de vegetação. O barulho era infernal: precisávamos falar bem alto para nos compreender.

Depois de admirarmos o belo Salto Guaraparí, cujo nome soubemos mais tarde, começamos a tirar a roupa. Também essa queríamos lavar; para isso tinha trazido o meu culóte de reserva, que estava bem manchado com tintura de iodo. Isso aconteceu dentro da mochila, onde eu tinha os meus remédios de emergência: a rolha da garrafinha de iodo caíra, e o iodo achou melhor esconder-se no meu culote. Também um pedaço de salame não escapou da vingança do iodo!

Nos faltava o sabão, cada qual tratou de arranjar um bom lugar entre as pedras, e então começamos a faxina na roupa e no corpo. Eu fiquei de calção de banho, ao passo que meus companheiros estavam no vale do nudismo.

O sol ia já bem alto. Estendi a roupa sobre uns galhos secos, e enquanto secassem, fui escolher um lugar para tirar mais uma fotografia.

Nas margens havia muitos troncos bem grossos de árvores, galhos, etc. Esses foram o resultado de enchentes muito grandes; as pedras então não deixaram que fossem adiante.

Lá quase no meio do rio tinha uma enorme pedra. Ah, se eu pudesse ir até lá, poderia tirar uma bela fotografia!

Mas como ir até lá? Vi que tinha outras pedras, menores que talvez tornasse possível a ascensão ao dito bloco. "Mas se eu escorregar de uma dessas pedras, estou frito!", pensei. Ninguém sabia se queria mesmo ir lá. "Acho que dá para arriscar", e me pus a caminho. Pulei na primeira pedra, veio a segunda, a terceira, depois a quarta. Faltavam duas apenas. Agora percebi a altura do rochedo: Quase três metros fora da água. E como subir? A última pedra avançava com uma ponta, até quase pela metade da altura do rochedo. Havia troncos de árvores espremidos entre esses dois blocos de pedras.

Pulei na penúltima pedra; cheguei meio mal, mas ... quase meu aparelho fotográfico caiu dentro d'água. Foi um susto! E agora, a escalada! Água por todos os lados, espuma entre meus pés. Olhei, olhei ... e achei que seria melhor não pular. Mas voltar sem tirar uma fotografia? Não.

Puxei um tronco para cima; este agüentava meu peso. Encostei os galhos contra o rochedo, firmando o melhor possível, e comecei a galgar pelo tronco acima. Estava um pouco liso, e não bem firme. “Se só esse diabo não escorregar agora!” praguejava eu. Os galhos resistiram muito bem. Afinal, alcancei a pedra com a mão.

Um arranco, e estava eu em cima! Descansei um bocado, e comecei a chamar o Reinaldo; mas nada ouviram. Estavam entretidos com suas roupas e seu corpo.

Deitei-me sobre o granito, focalizei os dois com meu aparelho, mas depois pensei: a fotografia não ficará boa, com os dois companheiros nus. Tirei-as, porém, sem que aparecessem os dois nudistas.

Iniciei o meu regresso. Ah, essa descida pelos galhos foi uma aventura. De quando em vez, eu parava um pouco, e olhava para o rio; só via espuma por baixo. Mas tinha que voltar. Para encurtar a história, depois de uma hora de ausência, estava ao lado de meus companheiros.

“Onde é que você andou?”, perguntou Reinaldo.

“Fui tirar uma fotografia do rio”, respondi.

“E não nos avisou nada, hein”, observou Otilo.

“Mas onde você bateu a chapa?”, indagaram.

“Estão vendo aquela pedra, lá no meio do rio? Foi lá que bati!”, indicando com o dedo.

“Mas como chegou até lá? Você está brincando”

Contei, então, como cheguei para aquela pedra.

“Francamente, Raul, você nunca mais faça isto, sem antes avisar ... Que tal um escorregão e quem te ajudaria!”

Tive que prometer que não faria mais isto. De fato, “facilitar não é coragem”.

Nossas roupas já estavam secas. Reinaldo e Otilo se vestiram; eu fiz uma trouxa da minha roupa e levei-a debaixo do braço. No espírito eu já estava vendo a boa polentada com a carne de macuco! Estávamos com fome. Só pensando nisto, chegamos mais ligeiro ao rancho.

Eu vinha na frente, de calção de banho e descalço, pois não tinha mais sapatos. Chegando perto, fomos recebidos por uma velha cabocla, que parecia nos estar esperando.

“Lá vem eles! Mas que moço bonito! E que alto! Que pernas bonitas que ele tem!”, dizia ela.

Esta vítima, para quem eram dirigidas tais palavras, era eu. Percebi logo que a velha não funcionava muito bem.

Feia e baixinha, com o rosto todo enrugado; podia contar seus 80 a 90 anos. No entanto, era bem ativa, o que mostrava as tais palavras, e os gestos por ela feitos. Andava muito bem ainda.

“Aquele é o pai”, e mostrou para Reinaldo. “E esses dois são os filhos”, mostrando para o Otilo e para mim.

Reinaldo ria a valer e fizemos o mesmo.

Pela conversa, soubemos tratar-se da nossa vizinha, que no dia anterior fugira de casa. Era mãe daquele caboclo, o dono do nosso rancho.

Entramos no rancho e ela nos acompanhou. Renovamos o fogo e sentamos ao redor deste.

Entre outras coisas, o assunto da conversa versou sobre a guerra!

Perguntou a matraca: “Vocês não podem me contar como vai a tal guerra? Será que eles vêm brigar aqui também? Meu Deus! As vezes penso que já estão brigando na nossa bendita Guaratuba!”

“Eles estão bem longe daqui? Não virão nunca para Guaratuba, nem para o Cubatão?”, disse ela.

“É, mas eu não sei; quando meu filho sai de canoa, sempre penso que os inimigos vão matar ele!”

Pobre criatura! O mundo dessa gente é de fato bem pequeno. Para eles só existe o Cubatão e Guaratuba; ouvem falar de outra parte do mundo, mas não podem compreender nada. É a falta de instrução, pois estão isolados quase de tudo!

O assunto foi para outra direção.

Começou ela a contar: “Meu pai veio de bem longe. Era caçador e veio para esses lados fazer caçadas. Aqui conheceu minha mãe, que era uma bugre.

Se casou com ela e foi morar perto de Guaratuba. Que Deus a abençoe e guarde dos maus espíritos!”

“Então meu pai sempre contava, que as mulheres dos bugres, que moravam do outro lado da Serra, tinham quatro tetas”. E a velha nos mostrou com os dedos, mostrando dois bicos de seios de cada lado. Olhei para o Reinaldo, este para Otilo, que não se conteve por mais tempo: deu uma gargalhada.

A velha olhou assustada para ele, e disse: “Mecê pode acreditar que as mulheres antigas dos bugres não eram como as de hoje; senão meu pai não contaria isso!”

Concordamos com ela. Esta parece que não gostou muito, pois não continuou a contar sobre os pais.

Tirei a bolsa com o aparelho fotográfico do meu lado; e pendurei-a num prego da parede. A mulher abriu os olhos, e olhando para esta bolsa, disse: “Eu já sei o que tem aí dentro! Essa bolsa está cheia de dinheiro!”

Outra gargalhada do Otilo. Era um divertimento para ele.

Essa velha não tomava jeito. Eu apenas disse que ela quase adivinhara.

Demos aquele macuco que nos sobrara à ela, para que logo fosse embora.

Recebemos três bananas e duas laranjas cada um.

Ela saiu bem alegre, mas disse que logo voltaria. Notícia que não foi agradável.

Tratamos do nosso almoço; tiramos a polenta e o macuco da prateleira, e esquentamos a bóia. Como sobremesa tínhamos as bananas, mimosas e laranjas. Comemos à vontade.

Mal terminamos com a refeição, quando ouvimos vozes que se aproximavam. A velha cumpria sua promessa, e por desgraça trazia toda família!

Sáímos para cumprimentá-los. Mas que gente interessante! Eram três mulheres e quatro crianças. Todos com a mesma fisionomia: magros, os olhos saltados; as mulheres, sem seio algum.

Francamente, belezas não eram. Quase só a velha que conversava, as outras diziam ou “sim” ou “não”. A criançada agarrava-se nas saias das mães e não saíam daí. Era bem engraçado!

Conversamos no começo com a velha. Notamos, porém, que isso iria até a noite, e nós queríamos continuar a viagem. Otilo disse-lhes que iríamos embora logo e que precisávamos arrumar nossas coisas, mochilas, comida, etc. Como não havia outro jeito, entramos no rancho, não ligando muito para a conversa.

A velha viu que conversar sozinha não rendia juros. Despediram-se logo mais, e se foram.

“Temos que fazer ligeiro, senão mais gente vem chatear o juízo, caboclo é assim mesmo!”, disse Reinaldo.

Limpamos o ranchinho, colocamos as gamelas em seus lugares, e íamos sair do rancho, quando apareceu novamente a incansável “matraca”!

Mas desta vez veio só para pedir “farinha de milho para fazer o bolo”.

“Não temos farinha de milho, a senhora já ganhou o macuco e mais não temos,” disse Reinaldo.

Ela continuava a pedir, nem que fosse só um pouquinho: mas nada demos.

Despedimo-nos, agradecendo a ela a licença dada para dormirmos no rancho, e saímos. Eram quase três horas da tarde; não sabíamos que o caminho, embora bom, fosse longe.

Logo mais chegamos na margem do Rio Cubatão. Essas paisagens que nos descortinavam, são difíceis de descrever. Tudo maravilhoso e belo!

O rio não é fundo, vendo-se em trechos o fundo alvo de areia. O rio ficava à nossa esquerda; à direita passamos por algumas taperas, onde geralmente encontrávamos uma mimoseira carregada. Era bom, pois comíamos frutas à vontade! Também por bananais, plantação de mandioca e milho, tudo indicava que o solo é muito fértil, apesar de arenoso.

Volta e meia víamos uma cascatinha ou ranchinho, escondidos entre enormes árvores e frutíferas. As crianças, quando nos viam, corriam, já de longe, para dentro da casa. E quando passávamos por ela, estava tudo fechado, não notando-se sequer vestígio de moradores.

Admirava a quantidade e diferentes espécies de orquídeas, poucas em flores, algumas em brotos.

Andávamos cerca de uma hora quando chegamos a um grupo de casas, um pouco retirado do caminho, à direita. Reinaldo e Otilo foram até lá afim de pedir informações do caminho e se era possível arranjar uma canoa que nos levasse até Guaratuba. Eu sentei-me numa árvore caída esperando os dois. Observei que uma das casas, bem maior que as outras, deveria ser um engenho de mandioca.

Passados quinze minutos vieram, acompanhados por um caboclo. Este trazia um remo nos ombros. Reinaldo apresentou-me como sendo o homem que vendera aquele macuco, lá no Rio São João. Ele há pouco viera de lá, seguindo, porém, o Rio São João, e não pelo atalho, por onde nós viemos. Este mesmo caboclo tinha uma canoa e nos levaria à Guaratuba por 20 mil réis! Fiquei satisfeito com esta notícia.

O caboclo disse-nos que precisávamos apurar o passo afim de chegarmos antes do escurecer ao Porto do Cubatão. Ele tomou a dianteira; andava depressa, tão depressa que eu fazia todo o esforço para acompanhá-lo. Não foi bom para os pés, que estavam começando a sarar; doíam bastante novamente. Foi um verdadeiro martírio! E o caboclo nos apurava mais ainda, dizendo que precisava andar mais depressa, senão escurecia e o caminho era longo. Isto me desanimou um pouco.

O que me distraía muito eram as lindas vistas que tínhamos, sempre coisas novas e originais. Finalmente chegamos à margem do Rio. Havia três canoas amarradas numas árvores, perto do barranco. O nosso caboclo foi pedir uma das canoas dos moradores dali. Na beira havia quatro ranchinhos escondidos sob as árvores do mato. Que lindo recanto! Que paz e sossego!

Arranjara a canoa. Pegou a mais esculhambada, coisa que eu nunca faria para atravessar um rio tão largo!

Naturalmente não cabíamos nós quatro nesse casco. Embarcou Reinaldo, com todas as mochilas: O canoeiro era o caboclo. Um empurrão ... e o navio estava navegando sobre as águas calmas e transparentes do Rio Cubatão. Otilo e eu nos sentamos no barranco, a espera da canoa; esta acabava de desaparecer atrás de uma pequena ilha no meio do rio. Demorou quase meia hora quando apareceu perto da mesma ilha. Logo nós dois embarcávamos. Um outro empurrão e atravessamos pela primeira vez este rio. Havia pouca correnteza. Em partes as águas eram tão baixas, que o fundo da canoa raspava na areia. Admirei a perícia do nosso caboclo, quando com o remo nas mãos, desviava tocos e bancos de areia. O casco agüentou muito bem o peso dos três homens. Faltava pouca coisa para que entrasse água pelos lados.

Chegamos na outra margem sãos e salvos. Cada qual tomou suas mochilas e demais miudezas. O caboclo amarrou o “transatlântico” num pau, levando o seu remo no ombro.

Começava a escurecer. O terreno agora mudava de aspecto: as vezes mato e outras vezes campo. Quando surgiram as estrelas, ouvimos bem ao longe vozes entoando canções sertanejas, lindas para o momento. Chegando mais perto vimos um grupinho de homens, sentados numa varandinha de uma casa; alguns tinham violão, outros cantavam. Tão bonito que era, ainda mais nestas paragens! Canções melancólicas, mas prendiam o coração.

“Boa noite!”, cumprimentou nosso caboclo e também nós.

“Boa noite!”, veio a resposta, saídas de muitas bocas. Por instantes silenciou o violão, para logo mais recomençar o acampamento característico das canções sertanejas.

Aquilo me alegrou; pelo menos não estávamos tão longe do chamado “Porto”. Andamos mais uns vinte minutos, quando nos vimos de frente a um grupo de casas. Dentro havia luzes de lampião.

“Esperem um pouco, que eu vou falar com o dono do engenho”, recomendou o nosso caboclo, entrando em uma das casas.

Eu estava tremendo nas pernas. Meus pés, com aquele andar apurado, ardiam e doíam como nos primeiros dias. O pior foi não poder andar calçado. As duas unhas dos dedões dos pés já estavam pretas e vermelhas de sangue.

Esperamos alguns minutos, quando nosso guia apareceu na varanda da frente, acompanhado de uns cinco rapazes e de duas mulheres. Um homem, já meio idoso, trazia um lampião de querosene na mão.

Aquele homem, que eu pensava ser o dono do engenho, mandou que entrássemos, indicando um banco na varanda para sentarmos.

Pela conversa ouvi que aqui era um engenho de cana de açúcar, a fábrica de cachaça. O cheiro não negava mesmo.

Aos poucos foi desaparecendo aquela criançada; as duas mulheres já tinham entrado há muito, levando o lampião. Estávamos sentados no escuro, sob a luz das estrelas.

Pelo ruído da louça, sabia que estavam arrumando a mesa.

“Vamos comer um pouco”, foram as palavras do nosso hospedador, tendo o lampião, talvez o único da casa.

“O dono do engenho está em Guaratuba; lá tem festa hoje. Falei com o irmão dele, saímos uma hora da madrugada de amanhã. Quando clarear o dia, estamos em Guaratuba!”, nos disse o canoeiro.

Achei isso muito bom. Lembrei-me no momento dos meus sapatos e perguntei: “Será que aqui não há ninguém que possa arrumar meus sapatos?”

“Aqui não tem nada! Só bastante cachaça!”, foi a resposta.

Era obrigado a ir descalço mesmo.

Entramos então para dentro; fiquei mais animado, pois o estômago estava vazio.

Percebi que a casa era bem boa para aquelas paragens. Havia assoalho, apesar de grosseiro, teto, alguns quadros de Santos pendurados nas paredes, bem como fotografias. Até um calendário tinha! Num canto da sala havia uma máquina de costura, verdadeiro troféu para um museu.

Sentamos à mesa: uns pratos, garfos colheres e uma faca. Como não via carne, tirei a marmitta com o macuco, pondo-o na mesa. Tínhamos dois quilos de fubá: pedimos que fizessem uns bolinhos em troca do fubá todo. A troca foi feita sem discussão.

Para abrir o apetite, ganhamos um grande copo de cachaça; cada um de nós bebeu um bom trago. Que cachaça boa! Nunca tomei coisa igual! Parecia mais um licor; não queimava na garganta, era doce, enfim muito boa. O jantar estava gostoso. Depois veio um cafezinho com açúcar. É outra coisa se comparado à café amargo!

Como sobremesa veio mais cachaça! Eu, parece que bebi um pouco demais. Isso logo senti, quando queria levantar da mesa; não que estivesse bêbado, mas um tanto “pesado”.

Agora achei melhor ir dormir. Meus colegas riram de mim, mas não tinha outro jeito. Pedi ainda ao nosso hospedador um litro de pinga. Queria leva-la para Curitiba no meu cantil. O homem concordou e dei o cantil a ele. Meus companheiros agora também queriam; assim tínhamos três litros da melhor cachaça.

Um rapaz trouxe umas esteiras, estendendo-as no canto, onde momentos antes eu vira uma máquina de costurar.

“Os senhores desculpem, mas não tem cama. Têm que dormir no chão!”, disse o hospedador.

“Está bom assim. O Sr. não se incomode com isso, temos algumas mantas. E nem está frio!”, disse Otilo.

Demos um jeitinho e eu fui logo o primeiro a deitar. Pedi água morna para fazer uma salmoura e fui atendido.

Reinaldo e Otilo conversaram um tempo com aquela gente. Não sei quando deitaram, pois já dormia um bom sono.

Nosso canoeiro estava muito interessado no facão de Reinaldo. Perguntou o preço, dizendo que estava precisando de um, pois como não lhe foi possível ir até a cidade, afim de adquirir tal objeto. Reinaldo, por sua vez, achou que não era vantagem vender o seu; mas iria pensar ainda. Nessa noite o caboclo perguntou novamente: Reinaldo tirou o facão da mochila, e, entregando-o ao caboclo, disse: “O Sr. pegue. É seu”.

O caboclo nem sabia como agradecer. Convidou-nos para logo voltarmos, pondo a sua casa a nossa disposição.

Esta cena ainda presenciei, depois é que dormi.

Quando acordei, eram quase duas horas. Os companheiros já estavam se arrumando.

“Dormiu bem, hein!”, brincavam os dois comigo.

Um rapaz estava colocando xícaras e colheres na mesa. O café foi logo servido, com bolinhos de polenta, os quais eram bem bons.

Enleamos as mantas, acertando tudo muito bem dentro das mochilas, pois não as precisávamos mais. Assim aproximou-se três horas.

O canoeiro que nos trouxera até cá disse ao Reinaldo que não iria junto, pois já haveria braços suficientes, quatro remadores, rapazes entre 18 e 24 anos. Podíamos estar tranquilos, pois não haveria perigo. Reinaldo pagou os 20 mil réis conforme o trato feito.

Começou a despedida; agradecemos os bons homens a tudo, pagamos os três litros de cachaça, e saímos, prometendo voltar qualquer dia para caçar lontras no Rio Arraial.

Justamente neste mesmo dia, aquele pequeno povoado aguardava a chegada de um padre, afim de realizarem alguns batizados e casamentos. Conforme ouvi da conversa dos canoeiros, o dito padre fora encomendado, recebendo uma casa à sua disposição, toda comida necessária e mais 50 mil réis. Para cada batizado e casamento, o padre queria mais 10 e 20 mil réis,

respectivamente. Os moradores não estavam nada satisfeitos com a tal tabela, faziam até umas certas pilheiras um tanto fortes a nosso respeito. Também não gostei nada disto.

Mudando para o verdadeiro assunto, notamos que estava bem fresco quando saímos da casa. Tinha um pouco de luar e o céu estava todo estrelado.

Os rapazes estavam nos esperando, lá adiante. O rio distava apenas cem metros do engenho. Era aqui o tal Porto!

Passamos sob umas mimoseiras, carregadíssimas de frutas! Otilo ia na frente, segurando uma vela acesa. Deu-me a vela para segurar e trepou na árvore, enchendo-se os bolsos. Reinaldo, com uma vara de taquara, também derrubava quanto dava. Ainda um dos rapazes nos ajudou, e assim tiramos quase um cento. Levamos tudo.

O porto tão falado não era mais que uns troncos grossos enfiados profundamente na beira do rio, sobre os quais foram colocadas táboas, dando assim mais facilidade para o embarque nas canoas. Essa construção fora feita especialmente para o engenho, para o embarque de pipas de cachaça, etc. Era o célebre Porto de Cubatão.

Nossa canoa era bem grande e espaçosa, foi o que observei à luz da vela. Mais tarde vi que era pintada de preto com uma barra azul. Podia muito bem acomodar 10 passageiros. Um adeus aos que nos acompanharam até o porto, e navegamos pela segunda vez no Cubatão.

Em princípio, pensei dormir novamente, pois estava tudo escuro. Logo vi que não era possível; este trajeto nunca poderei esquecer.

A começar pelo céu, com suas inúmeras estrelas cintilantes; aquela brisa fresca, animando e ativando sempre mais a mente! As águas calmas do Cubatão, bem como as remadas monótonas, tudo isso despertava uma tão curiosa sensação, impossível de explicar!

As vezes via fracas luzes nas margens, não podendo explicar sua origem e significado. Perguntei a um dos canoeiros, e ele disse-me serem pescadores que acendem um foguinho para se esquentar e chamar os peixinhos, pois esses são atraídos pela luz.

Nas margens via-se a silhueta do mato, e, de quando em vez, a silhueta de um ranchinho isolado. Que noite linda! Que encanto, esquecido e desconhecido pela maioria dos homens!

Eu estava tão maravilhado, tão emocionado, que agora somente percebi o que se passava perto de mim. Vi pequenas bolinhas de fogo, de cor

esverdeada sobre água! Toda vez que um remo emergia com certa violência da superfície da água, apareciam inúmeras gotas de fogo esverdeadas, que, caindo do remo, permaneciam por alguns segundos na flor da água.

Que interessante! Explicava-me o caso, pensando no fósforo contido nas águas do mar; com o atrito, as gotas caíam iluminadas, fosforescentes.

Fiz uma observação a esse respeito aos dois colegas; esses, porém dormiam. Acordei-os. Quando viram também ficaram maravilhados.

Entremeios, a canoa estancou de súbito. Encalhamos em um banco de areia. O mar estava na maré vazante e as águas do rio estavam naturalmente baixas. No escuro também não se enxerga um desses bancos, pois estão ainda abaixo da água.

Foi preciso que dois canoieiros saíssem para empurrar o barco para um lado. Com a saída dos dois, a canoa tornou-se mais leve, o que facilitou a manobra.

À medida que descíamos o rio, este se tornava mais largo. Pequenas ilhotas, cobertas de vegetação, se apresentavam de vez em quando. Em certos lugares o rio era muito mais largo, mas só de um lado: aqui era a desembocadura de um outro rio, no Cubatão. Passamos por três delas; os canoieiros nos informaram a respeito.

A primeira era do Rio Guaratubinha; a segunda, do Rio Negro, e a terceira, do Cubatãozinho.

Passavam-se as horas. No horizonte surgiu um fraco clarão. Era o novo dia que se aproximava. Ouvimos agora uma canção sertaneja, que vinha de bem longe. Talvez um caboclo que voltava da pescaria, satisfeito com o resultado da noite.

O ruído das ondas do mar se tornavam característicos, embora estivéssemos longe do mar aberto. O rio foi dividido aqui em dois braços: tomamos o da esquerda. As margens aos poucos se afastavam, à medida em que entrávamos na baía de Guaratuba.

Podia se distinguir aos poucos as fisionomias dos colegas. Amanhecia.

A conversa se tornou mais animada e interessante.

A água tomava uma cor esverdeada, depois tendia para o azulado. Os remos não tocavam mais o chão arenoso do rio, e sim, as águas salgadas da baía. Distinguímos perfeitamente as ilhas ao longe, bem como sua fauna e vegetação.

Uma das ilhas era habitada: umas palmeiras, um ranchinho, duas canoas na praia e o mato nos fundos! Que quadro! Tudo ainda em descanso, nada se movia!

Lamentei intensamente não ter filmes de sobra.

E ... as paisagens mudavam constantemente. Ilhas menores e maiores surgiam, habitadas por grande bando de gaivotas e martim-pescador.

Não podíamos passar perto dessas ilhas, pois a maré estava baixa, aparecendo grandes extensões de iodo, ou o tão conhecido mangue.

Tendo viajado algumas horas nos vimos obrigados a atracar em uma dessas ilhas, afim de satisfazer as necessidades físicas. Reinaldo levou a espingarda para matar um martim-pescador, e estes, entretanto, eram muito ariscos. Voaram, todos eles, para uma outra ilha.

Fiquei só na canoa, pois não queria entrar naquele lodo com o pé machucado. Todos se atolaram até acima dos joelhos. Quando voltaram, sujaram toda canoa, apesar de lavarem os pés um pouco na água.

O sol surgiu por alguns instantes. As nuvens, e em parte a água, foram tingidas de vermelho, para logo mais tomarem uma coloração cinza carregada. Uma brisa fresca nos soprava o rosto.

A canoa cortava a baía rumo ao Porto de Guaratuba. Podíamos distinguir perfeitamente as casas, o velho xadrez, o sobrado do Sr. Maximo, o trapiche.

Na nossa esquerda, a uns cem metros, surgia e desaparecia um objeto escuro na superfície da água: era um boto. Não demorou surgiu outro, maior que o primeiro. Talvez fosse um casal, fazendo viagem de núpcias.

Otilo, à saúde da vista de Guaratuba, abriu seu cantil. Talvez o conteúdo estava o incomodando. O cantil deu várias voltas pela canoa, indo de boca em boca. Reinaldo também tinha uma garrafa; logo esta entrou em ação. Quando esgotada, ele a jogou no mar.

No trapiche reinava grande animação. Passageiros que esperavam a lancha, as quais os conduzisse até o ponto onde esperava o ônibus de Paranaguá. Havia pessoas bem vestidas, outras ainda com pijamas, com chapéus de palha, característicos das praias balneárias.

Enfim, após quatro horas e quarenta minutos de viagem, pisamos em terra firme. Reinaldo sofreu um pequeno acidente; ao desembarcar escorregou com um pé do canto da canoa, fazendo um molha pé sem querer. Mas não foi nada.

Tiramos nossas coisas, mochilas e demais miudezas, colocando-as no trapiche. Os canoieiros amarraram o couraçado em uma argola, própria para esse fim.

Enquanto estávamos nessa lida, não faltavam curiosos que queriam saber quem éramos e de onde viemos. Naturalmente a bagagem, nossos trajes sujos e amarrotados, eu com os pés descalços, tudo isso era mais que razão para as perguntas que faziam.

Felizmente não foi preciso eu incomodar-me em dar as informações, pois para isso estava o Otilo.

Em silêncio eu me divertia com as explicações por ele dadas. Foi tanta coisa, que até me assustei, quando dentro de cinco minutos apareceu um homem com caderneta e lápis na mão, indagando nossos nomes, o que fazíamos, etc.

“Quem é o senhor”, perguntei.

“Sou o redator da Gazeta do Povo”, foi a resposta; mostrou-nos a sua caderneta de identificação, como repórter do dito jornal. Ah! Mas que gozo!

Otilo contava que éramos encarregados por uma Companhia, para estudar a zona dos Castelhanos ao Cubatão. O redator sempre mais se interessava, dizendo: “Sou guaratubano. A minha maior satisfação e alegria seria ver uma estrada que ligasse Cubatão à Curitiba”. Cubatão é um verdadeiro paraíso. Dá tudo mas falta transporte, os meios de condução fazem de Cubatão um povoado esquecido e pobre, apesar de sua riqueza!”

Tive que concordar com o redator. Perguntou ainda o que achávamos da terra, da plantação, se era possível uma comunicação por estrada de rodagem, etc ...

O lápis não parava nas mãos do homenzinho; também Otilo não dava sossego: Contava sempre mais novidades.

Dei um sinal ao Reinaldo, para sairmos do meio dessa gente; notei que nossos canoieiros já iam pelo trapiche acima, com seus remos e um embrulho de comida.

“Vamos tomar um café?”, perguntei ao Reinaldo.

“Vamos, sim. Mas onde estão os canoieiros?”

“Estão lá em cima; já foram adiante”, mostrei-os a ele.

“Temos que convidá-los também para o café!”, disse e saímos ao encalço deles. Logo os alcançamos. Otilo ficou atrás, pois o redator não quis mais largar dessa fonte de informações.

Os canoieiros acharam melhor irmos no “Café Azulai”, pois era melhor”.

Lá chegando sentamos numa mesa. Veio um café ruim, aguado, sem leite. O pão sem ou com pouca manteiga. O melhor foi o preço, verdadeiro roubo. Era negócio de turco.

Enquanto estávamos comendo veio um homem de uns quarenta anos e de estatura baixa. Dirigiu-se a Reinaldo. Pela conversa, percebi que era este o dono daquele engenho de cachaça, no Cubatão. Veio à Guaratuba apenas para assistir a uma festa religiosa e levar o padre em sua canoa para sua terra. Partiria no mesmo dia com a canoa na qual viéramos. Pediu licença, pois queria tratar de negócios antes de partir.

Saímos do café pelas nove horas. Despedimo-nos dos bons canoieiros e pagamos o café de todos. Naquele dia batemos um recorde da travessia da baía: fizemos em quatro horas e quarenta minutos, ao passo que sempre foi feita em cinco horas e poucos minutos!

Queríamos ficar uma noite em Guaratuba. Propus a pensão da Dona Antonieta. Conhecia-a pessoalmente, quando com meus pais passávamos um mês na época balneária, porém não hospedados nesta pensão.

Atravessamos a praça, defronte a igreja, e estávamos lá. Falei com a sobrinha da Dona Antonieta, a qual dirigia a pensão. Fomos recebidos amavelmente, sendo-nos indicados dois quartos com comunicação; um quarto era de frente. Tínhamos a vista de toda a praça. Tivemos que esperar um pouco, pois os quartos não estavam limpos.

Tivemos o prazer de encontrar o dito padre, hospedado na mesma pensão. De batina preta, rosto cheio e rosado, bem tratado, parecia-me ser um irmão marista. Perguntou-nos quem éramos, e quando soube que a pouco chegáramos do Cubatão, alegrou-se bastante. Pediu informações de lá, se havia igreja, etc. Disse-nos que iria para lá, logo após o almoço, afim de fazer um favor àquele povo pobrezinho. Queria fazer alguns batizados e efetuar alguns casamentos. Sobre os 50 mil réis e a tabela de cada batizado ou casamento, ele não falou nada.

Quando podíamos entrar no quarto, pedi ao Reinaldo que fosse levar meu sapato a algum sapateiro, pois queria descansar meus pés.

Logo mais via a Dona Antonieta: sempre do mesmo jeito. Alta, magra e velha. Sua cabeça ornava abundante cabeleira, toda branca. Seu tipo era bem bonita, apesar da avançada idade de quase noventa anos!

Na hora do almoço fomos à mesa. Comida esplêndida, composta de carne de galinha, ovos fritos à vontade, arroz guaratubano, feijão, bolinhos de carne, verduras, e como sobremesa, frutas. Muito gostoso, motivo para comer bastante.

Durante o almoço, Dona Antonieta conversou conosco. Perguntou se éramos engenheiros, e se estávamos estudando a construção de alguma estrada. Otilo afirmou barbaramente a tudo isto! Reinaldo e eu achamos melhor deixar a conversa para eles, sós.

À tarde Reinaldo trouxe meu sapato. Lavei bem os pés, vesti meias limpas e experimentei calçar os sapatos, após cinco dias! Foi um sacrifício, mas foi. Demos uma voltinha pela cidade e fomos até a praia. Otilo tinha se atrasado, não sei o motivo; mas nos achou lá na praia novamente. Havia bastante vento e perto das casinhas de banho vimos a bandeira vermelha, que significava perigo para banhistas. Nos retiramos daquele grupo de banhistas e tomamos um banho meio rápido, onde ninguém nos podia observar. A água do mar estava bem ruim, cheia de areia, e puxava muito. Fora o vento forte e frio: não gostamos de nada.

Antes de voltarmos, tirei uma fotografia da praia, tendo nos fundos Brejatuba. Achei que Guaratuba não é mais tão bonita com dantes tempos. Foram cortadas grandes partes de mato, de maneira que o vento tem passagem franca sobre as casas.

A tarde passava lentamente.

Após o jantar, Otilo foi comprar as passagens de ônibus para Paranaguá. O preço era doze mil réis para cada passageiro.

A noite demos uma voltinha pela vila, para ver as “meninas bonitas de Guaratuba”, como dizia Otilo.

A luz elétrica não é muito boa, mas serve.

Pela primeira vez, após onze dias, íamos nos deitar em uma cama! E como dormi bem!

Na manhã seguinte notei como primeira coisa que faltava a barba de Otilo. Este fora a um barbeiro na noite de ontem!

Na hora do café veio Dona Antonieta. Pediu para vendermos um seu terreno, situado nas margens do Rio São João, em Santa Catarina. O preço era oito contos de réis; o que fosse a mais, seria nosso. Otilo fez com que se interessasse imensamente, prometendo que mandaria um capitalista falar com ela! Nós como engenheiros!

Paguei 24 mil réis, sendo a diária oito mil réis por pessoa. Só a comida valia isto!

Despedimo-nos de Dona Antonieta e de sua sobrinha, que usava óculos, e saímos. Nos acompanharam até a porta, desejaram uma boa viagem e breve regresso.

No trapiche estava tudo muito bem animado. Eram pessoas que acompanhavam amigos e parentes que iam viajar. Quando passamos por um grupo de pessoas, olharam-nos com curiosidade, e a conversa foi mais ou menos a seguinte: “Esses três vieram ontem de Cubatão. Atravessaram a Serra toda à pé, etc “.

Outros nos perguntavam sobre isso ou aquilo; era bem desagradável!

Um deles, um senhor meio idoso, perguntou se não leváramos um aparelho fotográfico. Disse-lhe que eu tinha um AGFA 9X12 cm. Queria vê-lo. Não quis mostrar-lhe, mas tanto insisti, que eu tirei a mochila das costas, abri-a e tirei o aparelho. Eu tinha o enleado na minha manta, afim de não sofrer com o transporte. Gostou muito; disse-me que também tinha alguns aparelhos consigo, superiores que o meu. Soube agora tratar-se de um irmão do fotógrafo profissional Wischral. Os aparelhos eram do irmão e dele. Mostrou-me os ditos aparelhos: de fato, eram aparelhos caros e complicados. Muito bons para um ateliê de fotógrafos, mas não para viagens!

Pelas sete horas e quarenta e cinco minutos, apareceu a lancha, que nos devia conduzir até o ponto, onde estavam os ônibus à espera. Este ponto ficava no outro lado da baía, na direção de Caiobá e Matinhos.

A lancha atracou no trapiche e cada passageiro procurou ligeiro um lugar nos bancos, para não viajar em pé.

O Sr. Wischral viajou conosco; também ia à Curitiba. O transcurso pela água era bem divertido. A lancha balançava sobre as ondas; as mulheres faziam cara feia.

Chegamos no tal “ponto”. Era apenas um pequeno cais, onde com mais facilidade podia-se desembarcar; coisa bem rudimentar. O ônibus de fato estava lá ... mas com o pneumático furado. Estavam tirando ainda a roda do aro. Isto é esculhambação demais!

Tínhamos que esperar; encontrei um Chafeur do estado, antigo colega de serviço. Este estava em gozo de férias e aproveitou o tempo para pescar um pouco. Veio com um “Ford de empurrar com o pé”, de sua propriedade. O tempo passou em conversas com os companheiros de viagem, principalmente com o Sr. Wischral.

Afinal, eram quase nove horas, quando partimos.

Passamos por Caiobá e Matinhos, onde embarcaram mais passageiros. Depois entramos na Praia de Leste, viajando 16 Km só por praia. À uma hora e alguns minutos entrávamos por Paranaguá.

Pegamos logo a nossa bagagem e fomos à um restaurante perto da estação. Lá almoçamos e ainda deu tempo para irmos até o Rocio, deixando naturalmente nossas coisas no dito restaurante.

Em Rocio, visitamos a igreja. Pedimos a um homem que estava sentado num banco que tirasse uma fotografia nossa, dos três reunidos. O homem prontificou-se, mas disse que não sabia tirar fotografia. Fiz então uma armação de pedras, focalizei o aparelho, e expliquei como devia proceder; e ele a tirou, talvez a primeira vez em sua vida. Isso foi defronte à igreja.

Voltamos à pé pela reta, uma avenida que fora calçada há pouco tempo, pois nem pronta estava. Tem mais de três quilômetros, numa só reta.

No restaurante pegamos as mochilas, espingardas, etc. Agradecemos ao dono pelo favor prestado e nos encaminhamos à estação.

Comprei as passagens para Curitiba; tivera eu o cuidado de levar dinheiro de reserva, sem que meus companheiros soubessem. E agora chegou a vez de precisar deste dinheiro, pois eles não tinham mais. O cálculo deles não dera certo!

Que surpresa, quando de repente encontro com o Sr. Miguel Laprette! Depois de dois anos! Foi meu antigo mestre quando eu trabalhava nas oficinas mecânicas do Estado, no D. O .V.

Cumprimentamo-nos, alegres com o encontro inesperado. Mas como ele engordara! Depois do cumprimento, a primeira coisa que perguntou: “É verdade que faleceu sua mãe?”

Foi para mim um choque tão grande, que nem achei resposta.

Contei depois a ele em ligeiras palavras, o que se passara; não pude evitar algumas lágrimas. Os viajantes, que se achavam por perto, me olhavam curiosos.

“Você vai à Curitiba, Raul?”, perguntou Miguel.

“Vou, sim. O Sr. vai também?”

“Também vou. No trem vou te procurar, e então poderás me contar com mais calma o que se passou. Até logo Raul!”

Entreguei as passagens ao Reinaldo e Otilo; felizmente não me perguntaram nada.

Sentamos num vagão de segunda classe. As três e meia partimos.

Eu estava um tanto nervoso. Meus bons companheiros talvez compreenderam o que se passava em mim, e não me incomodaram.

Passamos mais ou menos pela Estação do Engenheiro Lange, quando apareceu Miguel. Sentou-se em um banco isolado e chamou-me.

Felizmente havia poucos passageiros.

Pude contar mais detalhadamente sobre o que havia acontecido nestes dois últimos anos. Quanta modificação! Quanta desgraça! Miguel trabalhou há anos na fábrica Lucinda, então de meu avô materno. Daí ele conhecer a minha família e interessar-se sobre o caso.

Como eu chorava muito, ele mudou o assunto para outra pessoa. Contou que era chefe das oficinas da Capitania do Porto de Paranaguá. Esteve no Rio, afim de fazer um concurso de habilitação para mecânico e piloto de navio.

Conversamos sobre isto e aquilo e, antes de despedir-se, me convidou para passar uns domingos com ele em Paranaguá. Podíamos passear de lancha, visitar aquelas ilhas da baía, etc.

“Isso vai fazer-te bem”; disse e se despediu.

Voltei ao meu antigo lugar ...

Chegamos em Curitiba mais ou menos no horário. Em casa, Otilo deixou o seu “Rucksack com Reinaldo e foi para sua casa. Reinaldo e eu morávamos na mesma casa. Fomos cumprimentar meus pais, tio e tia.

Esses riram, quando me viram tão barbado. Principalmente o meu pai!

Tio Alfredo nos disse que se não chegássemos até o dia seguinte, iria avisar a polícia, pois acreditavam que estávamos perdidos no mato!

Passaram-se doze dias, porém as recordações ficaram para o resto da vida.

Em 29 de setembro de 1944

Raul Ervino Weiser